

AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS SOBRE A VIDA LITERÁRIA NA ROMÊNIA (*)

As investigações sobre a penetração de dados concernentes à literatura romena na literatura ocidental são muito interessantes. Cumpre, porém, deixar preciso que, se a revolução de Tudor Vladimirescu (1821) teve por consequência o fim da supremacia dos príncipes estrangeiros — os Fanariotas ou Gregos do Fanar —, essa data não significa uma ruptura literária completa com as idéias francesas do século XVIII; essas idéias, que conheceram uma difusão tão universal na Europa (1), tinham precisamente preparado a revolução romena.

Eis uma vista geral da paisagem intelectual criada pelo espírito cosmopolita e humanitário do século das Luzes, século recentemente examinado por D. Popovici (2), o mais profundo conhecedor das relações literárias franco-romenas; contentar-nos-emos com mencionar aqui o título de algumas obras, com exclusão das de Voltaire e Condillac, que eram então divulgadas entre os intelectuais romenos — quer no original, quer em tradução grega ou romena — e que contribuíam para neles aumentar o sentimento da sua dignidade, a consciência de seus direitos e sobretudo a confiança num futuro melhor: *A Logique* de Chr. Wolff; *a Logique* e *a Métaphysique* de Fr. Chr. Baumeister; o *Discours sur l'Origine et les fondements de l'inégalité* de Rousseau; as *Considérations sur les causes de la grandeur et de la décadence des Romains* de Montesquieu; os *Eléments de logique, de métaphysique et d'éthique* et les *Nouvelles morales* de Fr. Scave; *Lectures on rhetoric and belles letters* de Hugh Blair; *Les Beaux Arts réduits à un principe* do Padre Batteux; *a Poétique Française*, os *Eléments de Littérature* e o *Belisaire* de Marmontel; *Les Délits et les peines* de Beccaria; os *Eléments de Métaphysique* de Antonio Genovesi; *a Science de la Législation* de Filangeri; *Le Monarque accompli* ou *Prodiges de bonté, de savoir et de sagesse qui font l'éloge de sa Majesté Impériale Joseph II et qui rendent cet auguste monarque si précieux à l'humanité* de M. de Lanjuinais, etc.

*) — Texto francês traduzido pelo Licenciado Isaac Nicolau Salum, assistente da Cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(1). — L. Réau, *L'Europe française au siècle des Lumières*. Paris, 1935.

(2). — *A Literatura romena na época das Luzes*, Sibiu, 1945.

Outros fatores do clima espiritual na Romênia são as obras da literatura pré-romântica, da Arcádia, do “risorgimento”, os clássicos gregos e latinos, a representação de peças teatrais italianas, francesas e alemãs, jornais estrangeiros, relações de viagem, e estudos que poucos romenos estavam já em condições de fazer “no interior”, isto é, no Ocidente (diziam “no interior”, porque se criam fora do mundo). Enfim a atividade tão variada de estrangeiros — Italianos, Espanhóis, Alemães e sobretudo Franceses.

Se as idéias cosmopolitas deram o resultado feliz de despertar a consciência nacional dos Romenos, não se deve pensar no desaparecimento imediato de suas ligações com a cultura grega, predominante antes da revolução, nem no declínio das “Luzes”, cuja influência devia prolongar-se por muito tempo na primeira metade do século. O fundo espiritual da literatura romena caracteriza-se dêsse modo pela interpretação das correntes precedentes, primeiro com a idéia da latinidade invocada para libertá-la da influência neo-helênica e para salvaguardá-la contra as tendências anexionistas do imperialismo russo e, depois, com o movimento romântico francês, que passa a ser preponderante nesta nova fase da literatura, que se tornara literatura de combate. Caracteriza-se, enfim, pelo emprêgo dos temas literários universais e pela busca dum caminho próprio na adaptação, sempre crescente, ao ritmo das literaturas ocidentais.

As pesquisas que fizemos até 1820 (3) são ricas de resultados, mas serão ainda mais frutíferas certamente para o período que vem depois dessa data; e no tocante à literatura, essas informações dão-nos a possibilidade de ver até que ponto o Ocidente se interessava pela literatura romena e tinha conhecimento da alma romena — mais precisamente de uma certa fase da alma romena — através de traduções de poesias, de novelas e outras produções literárias. O que é especialmente interessante é o problema dos temas literários, da apresentação de uma certa corrente literária ou da influência que pôde exercer uma literatura ocidental sôbre a literatura romena, e inversamente do enriquecimento da cultura literária do mundo por traços originais da literatura romena. Tais pesquisas tendem assim a traçar um quadro completo das noções relativas a essa literatura, e a explicar tôdas as mudanças que sucessivamente se verificaram a êsse respeito, e que vão do interêsse e da compreensão à indiferença e ao desconhecimento, da simpatia à antipatia. Essas pesquisas, quando puderem ser verdadeiramente completas, culminarão numa história da literatura na România através das publicações do estrangeiro, e trarão à luz a verdade da afirmação de André Gide (*Nouvelle Revue Française*, 1919), segundo a qual uma literatura não se pode afirmar e impor à literatura mundial senão

(3). — Informações sôbre a literatura na Romênia em *Pagine Nueve* (Roma), III, n.º 3-4, março/abril.

na medida e no grau da arte com a qual ela refletir o espírito tradicional e a vida característica de seu país de origem.

Nas circunstâncias atuais, tão pouco favoráveis a investigações em literaturas diferentes, contentar-nos-emos com tornar conhecido o resultado de pesquisas mais limitadas.

François Recardon (4), o antigo secretário do príncipe Caragea, que tinha estudado a literatura, a filosofia e a arquitetura, nas suas cartas tão interessantes sobre a revolução romena dá-nos pouca notícia de ordem literária: representações realizadas por atores alemães e traduções de peças francesas feitas por discípulos de Georges Lazăr — a construção dum “lindo” teatro para 1000 espectadores e uma subscrição para custear a vinda de uma companhia de ópera italiana (5).

Mas obras desse género, assim como as anotações de J. M. Lejeune (6), antigo professor de Michel Sutz, são interessantes para o conhecimento da inspiração da nova filosofia desse tempo. Nesse sentido, elas notam particularmente a mudança de hábitos e costumes por influência ocidental, “desde que os estrangeiros introduziram as artes da Europa... e pela educação quase europeia que se dá aos filhos dos nobres” (7). Lejeune acrescenta ainda que “todos os boiardos entendem e falam hoje o francês e não há ninguém, por mais modesta que seja a sua cultura, que não esteja em condições de manter conversa nessa lingua” (8).

Uma breve informação de fonte italiana fala dum teatro e duma biblioteca em Bucareste e “vi si aggiunge ora una società scientifica ed un ginnasio, ch’èbe dal 1818 in poi notevoli aumenti” (9).

Foram o liceu romeno do transilvano George Lazăr e a escola superior de Jassy aberta por Georges Asachi que criaram um novo estado de espírito, e ao mesmo tempo o desejo da cultura e da civilização ocidentais. Essa atmosfera era igualmente mantida pelos jovens que desde 1803 estudavam em Paris, e depois em Pisa e em Paris desde 1818 (10).

(4). — Cartas sobre a Valáquia ou Observações sobre essa Província e seus Habitantes, escritas de 1815 a 1821. Ver N. Iorga, *Istoria Românilor prin Călători* (a História dos Romanos segundo Viajantes), Bucareste, 1922, III, pág. 105-109 e V. V. Hanes, *Formarea Opiniunii franceze asupra României în secolul al XIX-lea*, Bucareste (A Formação da Opinião Francesa sobre a România no Século XIX), 1929, I, págs. 75-82.

(5). — *Ibidem*, pág. 109, et N. Iorga, op. cit., pág. 108. Sobre esse ponto, assim como sobre a chegada de romances franceses e provindos de Lyon, ver F. G. Laurenon, *Nouvelles Observations sur la Valachie*, Paris, 1822. Ver N. Iorga, op. cit., pág. 114. Laurenon tinha vivido 12 anos na Valáquia.

(6). — Acrescentadas na tradução francesa da obra de Raicevich, *Voyage en Valachie et en Moldavie*, Paris, 1822.

(7). — *Ibidem*, págs. 122 e 144. “Os móveis, a distribuição das casas, as refeições, os bailes, as festas, tudo mudou de fisionomia” (Pág. 141: nota do tradutor).

(8). — *Ibidem*, pág. 137, nota 1. “A educação dos meninos é agora confiada nas boas famílias a professores franceses ou alemães” (pág. 145, nota 1).

(9). — Pietro Castellano, *Nuovo specchio geografico-storico-politico di tutte le nazioni del globo*, susseguito dal *Dizionario Geografico Universale*, Roma, 1830, I, pág. 2458.

(10). — Pompiliu Eliade, *De l’influence française sur l’esprit public en Roumanie*, Paris, 1898, págs. 373-374.

O poeta italiano Giacomo Leopardi tinha feito, no seu Zibaldone, em 1821 uma observação interessante sobre a língua romena: "... derivata pure dalla latina e che, per essersi mantenuta sempre rozza, è proprissima a darci grandi notizie dell'antico volgare latino, il quale volgare, come tutti gli altri, è il precipuo conservatore delle antichità di una lingua"; a partir de 1828, éle pode conhecer os cantos populares dos Romanos da Macedônia numa apreciação dos "Chants populaires de la Grèce moderne" (1824), de M. Fauriel, publicada em "Les Annales Littéraires" (tomo XXVI), de Viena, e dos quais se ocupara em 1825 o "Bulletin Universel des Sciences et de l'Industrie", publicado sob a direção do Barão de Férussac (tomo IV, pág. 17) (11).

Na época em que os principados do Danúbio estavam ocupados pelos Turcos (1821-1826), depois pelos Russos (1828-1834) (12), temos descrições e impressões de estrangeiros (13) sobre a revolução, a peste (consequência da ocupação turca), sobre o cólera (consequência da ocupação russa), sobre o desastre econômico e os abusos e a arbitrariedade da última ocupação, sobre a guerra contra os turcos e a Constituição chamada "Regulamento orgânico". O texto destinado à Moldávia foi traduzido para o francês pelo secretário da comissão de redação, o poeta Georges Asachi, e impresso em Bruxelas, mas o lugar de edição indicado é New York (14), pela primeira vez numa publicação concernente aos Romanos.

Mas eis que se começa a dedicar atenção igualmente às produções literárias e, fato importantíssimo, estas começam a ser escritas ou traduzidas mesmo por estrangeiros. Na revista russa *Vestnik Europi* (Tomo XI-XII, págs. 129-131) aparece, sob o título *Deux chants moldaves*, a tradução de poesias populares, sem caráter histórico (15) por Alexandre Hasdeu (1811-1872), filho do escritor polonês Tadeusz Hysdeu e pai do historiador e linguísta de reputação européia, Bogdan Petriceicu Hasdeu. O futuro poliglota, que viria a conhecer numerosas línguas eslavas, românicas e germânicas, era ainda estudante na Universidade de Cracóvia, quando fez essa estréia literária, talvez estimulado por seu pai, que tinha reunido poesias populares, ou por seu professor Gujac-Artemovschi, conhecido poeta ucraniano. Na primeira poesia,

(11). — *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura*. Firenze, 1898, III, pág. 71 e VII, pág. 280. Ver Al. Marcu, *Romanticii Italiani, si Români* (Os Românticos Italianos e os Romanos), Bucareste, 1924, págs. 44 e 46.

(12). — Sobre essa época ver Pompiliu Eliade, *La Roumanie au XIX.^e Siècle. I — Les premiers princes indigènes (1821-1828)* e II — *Les trois Présidents Plénipotentiaires (1828-1834)*. Paris, 1914. 2 vols.

(13). — A. Rally e Getta Rally, *Bibliographie franco-roumaine*, Paris, 1930, II, pág. 62-66.

(14). — *Règlement organique de la principauté de Moldavie*. Ver *ibidem*, pág. 13, n.º 170.

(15). — Como o afirmaram M. Kogălniceanu em *Dacia literară*, I (1859), 2.^a ed., pág. 343; N. Iorga, *Istoria literaturii românești în veacul al XIX-lea*, (*A História da literatura romena no século XIX*), Bucareste, 1908, II, pág. 41 e P. V. Hanes, *Scritorii basarabeni si literatura română populară*, (Os escritores bessarábios e a literatura romena popular), Valenii de Munte, 1936, pág. 5.

uma moça, que na véspera do casamento diz adeus às suas amigas, pede-lhes que trancem grinaldas de flores para sua festa e descreve no fim a beleza do seu bem-amado. No canto que vem após o casamento, a jovem esposa externa, diante da andorinha que tem seu ninho debaixo da janela, as lembranças de seus belos dias, opondo-as à sua felicidade que murchou, como o basilicão arrancado por suas amigas no dia de seu casamento (16).

No mesmo ano, e na mesma revista, A. Hasdeu inseriu *O conto de Duca Voda*, dando dêsse modo o impulso à novela histórica com assuntos extraídos da vida moldava (17).

Durante seus estudos de aperfeiçoamento em Munique, feitos com os célebres escritores e filósofos Görres e Schelling, êle publicou na revista *Telescop* (1833, n. 8) — cuja tendência era fundir com a literatura russa as inspirações artísticas dos poetas ocidentais — um artigo compreendendo traduções: *Chants populaires roumains en russe* (18). A tradução é precedida duma carta de Hasdeu ao redator Nicolai Ivanovici Nadejdin, então professor na Universidade de Moscou. Cumpre lembrarmos a declaração de Hasdeu, de que, havia seis anos, êle se ocupava, com zêlo, da língua e da história romenas, ressaltando a importância dos estudos de folclore e de literatura romena no domínio da ciência russa. Alexandre Hasdeu não fala da poesia popular romena e nos dá a tradução de seis cantos com notas e interpretações muitas vêzes ricas sôbre o folclore romeno. E', entretanto, bem difficil dizer se se trata de autênticas poesias populares; é antes de se supor que êle tenha traduzido para o russo algumas das suas próprias poesias. Eis o que mais tarde delas escrevia seu filho, B. P. Hasdeu: . . . "À maneira de Macpherson e de Mérimée, êle mistificou os Russos por suas pretensas canções populares romenas e por imaginárias crônicas moldavas. . . Repetia muitas vêzes o verso de Tasso:

Per la fé, per la patria, il tutto lice "(19).

Ao lado do interêsse na literatura popular romena manifestado por Alexandre Hasdeu, convirá não esquecer a influência do poeta russo Puchkine exilado na Bessarábia (1820-1826); em *Le Maitre de Poste* (*) e sobretudo no poema *Os Ciganos*, êle desenvolve o tema da antítese da cultura e da natureza, visivelmente inspirado pela vida romena, cheia de encanto e rica em quadros poéticos. Nesse poema — onde a influência de Byron e de Châteaubriand é manifesta — o personagem principal, o moldavo Alceu, ama uma moça

(16). — Devemos essas informações e as seguintes ao estudo citado, de Dvoicenco.

(17). — N. Iorga, op. cit., pág. 41. Kogálniceanu indica também a novela "Helena, a filha de Estêvão o Grande" publicada em *Listki Selcago obshtestvá v Odessa*.

(18). — Sôbre esse artigo ver também N. Jonescu Názcov, *Sôbre o primeiro eslavista romeno*, em *Księga Referatow Sekcja III*, Varsóvia, 1934, págs. 37-39, onde se encontram muitas afirmações errôneas.

(19). — Júlia Hasdeu, *Oeuvres posthumes*, Paris, 1890, pág. 259. Por essa razão não insistimos sôbre essas poesias examinadas por E. Dvoicenco, das quais uma foi reimpressa em russo com a tradução francesa. Ver *ibidem*, pág. 277.

(*) — Ver nota 139.

da Boêmia, que éle mata juntamente com um cigano, que é seu novo amante (20).

Surge agora um artigo importantíssimo a êsse respeito, aparecido na revista *Telescop* (1835, pgs. 608-614), de que era o mais eminente colaborador o crítico Bielinsky e onde o poeta Jukowsky, com os temas folclóricos alemães e russos e de suas criações poéticas, tinha despertado um grande interesse por uma literatura inspirada na vida popular; sob o título de "Os literatos bessarábios" (21), Alexandre Hasdeu, que sempre se declarou romeno, ali demonstra que na província moldávia incorporada pela Rússia em 1812 continuava a reinar, apesar de tudo, uma fervorosa atividade romena. Começa por Anghel Balli, doutor em direito — que fizera seus estudos na Itália e na França e que conhecia também o alemão e o grego moderno, mas cujos escritos franceses sobre a história da legislação moldava com um apanhado político sobre a Bessarábia ficaram até hoje inéditos. Depois de ter lembrado Gheorghe Beideman, que, após ter feito seus estudos em Jassy, traduzira do francês alguns contos, infelizmente mal escolhidos, Hasdeu ocupa-se de Alexandre Donici (1806-1866), ex-aluno da escola militar de Petrogrado, cuja tradução romena das fábulas de Krylov éle salienta: essa tradução "conserva tôdas as belezas do original, porque éle soube apanhar bem as idéias do fabulista russo e ornou cada fábula com o pitoresco próprio ao caráter moldavo". Ora os estudos mais recentes demonstraram que não se trata de um tradução; antes suas fábulas impressas em 1840, 1842, 1862 etc., que conheceram uma imensa popularidade, versam temas tomados aos escritores russos Krylov, Izmailov e Dimitriev, e a *La Fontaine*. Donici comunicou-lhes traços específicos romenos (22), como já havia notado Alexandre Hasdeu. Fala-se ainda ali da tradução feita por Donici do poema *Os Ciganos* de Puchkine, publicada em 1837. Donici, que desde 1834 vivia em Jassy, traduziu também *Le Maître de Poste*, depois as *Sátiras* (1844, 2.^a ed. 1858) de Antíochus Cantemir (23).

Hasdeu menciona a seguir Stefan Marzella, que estudara na Moldávia e na Valáquia, conhecia também o francês, o grego mo-

(20). — Ver Gino Lupi, *Puschkin e la Romania*, Milão, 1937. Na sua ode sobre o poeta latino Ovidio, Puchkine descreve a Bessarábia.

(21). — *Literatșii Basarabeni* (Os Literatos Bessarábios). Ver a tradução romena por Liviu Marian — *Contribuțiunii la istoria literaturii românești din veacul al XIX-lea* (Contribuições para a História da literatura romena do século XIX), Chisináu, 1927, págs. 29-33.

(22). — C. Negruzai, *Alexandru Donici, em Convorbiri Literare* (Palestras Literárias), I (1867), págs. 66-68; G. Sion, *Alexandru Donici, Viata și operele sale* (Alexandru Donici, sua vida e suas obras — Disc. de recepção na Acad. Romena), Bucareste, 1870; Al. Epure, *Influența fabulistului rus Krylov asupra fabulistilor noștri A. Donici și C. Stamati*, (Influência do fabulista russo Krylov sobre os nossos fabulistas A. Donici, e C. Stamati), Iasi, 1913; J. Negrescu, *Influența slave asupra fabulci românești în literatura cultă*, (As Influências Eslavas sobre a fábula romena na literatura culta), Chisináu, 1925.

(23). — Ver a tradução francesa pelo padre O. de Guasco, com a biografia do autor, sob o título *Satires du prince Cantemir*, Londres, 1750; Para a biografia, ver L. N. Maïcov, *Matériaux sur la biographie du prince A. D. Cantemir*, Paris, s. d. et M. Ehrhard, *Le prince Cantemir (1738-1744)* à Paris, Lyon, 1938.

derno e o russo, e que publicou, além de uma brochura sôbre a Grécia, uma gramática romena absolutamente destituída de valor; Jacob Hâncul, que fôra inspetor das escolas lancasterianas e que “lançou os fundamentos da gramática da língua moldava, seguindo os primeiros princípios gerais, e começou a compilação do dicionário moldavo-russo”. Sabe-se que Hâncul publicou em russo, sob a assinatura de J. Hinkulov uma *Coletânea de escritos e de traduções em prosa e em verso para exercícios* na língua valaco-moldava (Petrogrado, 1840) e *A descrição das regras da gramática Valaco-moldava* (Petrogrado, 1840) e que a partir de 1854 êle se tornou professor adjunto de língua romena e intérprete no Ministério dos Negócios Estrangeiros para as questões dos Principados do Danúbio (24).

O arcepreste Petru Kunicki tinha publicado um folheto com uma breve notícia estatística sôbre a Bessarábia e, na revista da Sociedade Filantrópica, uma comunicação sôbre os coveiros moldavos: Hasdeu aí destaca os discursos pronunciados nos funerais do exarca Gavril Banulescu-Bodoni e na inauguração do monumento do duque de Richelieu em Odessa. Kunicki, nascido na Ucrânia, tinha sido muito apreciado por G. Banulescu-Bodoni, então metropolitano em Ekaterinoslav, e tinha-se tornado em 1808 reitor da Academia de Socola (Jassy), e, em 1813 — quando foi nomeado em Chisinau o metropolitano — reitor do seminário da capital da Bessarábia. Em 1820, Kunicki, acrescenta ainda A. Hasdeu, declarou-se de nacionalidade moldava (25).

Nosso autor fala a seguir de outro ucraniano, Irineu Nestorovici (1780-1864), que, depois de haver terminado seus estudos de teologia em Kiew, fôra levado em 1813 pelo metropolitano Gavril, como professor, ao seminário de Chisinau, para dêle se tornar reitor de 1821 a 1826, e depois professor em Jassy. Em sua qualidade de arcebispo da Sibéria meridional, êle entrou em conflito com o governador Lavinski, que o declarou louco e o fêz torturar num convento: êsse fato inspirou ao escritor russo J. Jasinski sua novela *L'assombrissement du très sanctifié Irineu* (26). Hasdeu assinala que se deve a Nestorovici a tradução alemã da gramática romena escrita em 1810 por Anton de Marchi, primeira edição duma gramática em russo para os Romanos; depois a biografia de Gavril Banulescu-Bodoni, “o primeiro a fundar escolas na Bessarábia”, e os discursos em romeno na inauguração das eleições da nobreza.

(24). — L. Predescu, *Enciclopedia Cugetarea*, Bucareste, 1940, pág. 388.

(25). — *Ibidem*, pág. 242. — O metropolitano Gavril Banulescu-Bodoni, nascido em 1750 em Bistrița (na Transilvânia), tinha feito seus estudos na Transilvânia e em Kiew e combatido pela manutenção do caráter romeno da Bessarábia, onde êle deu boa organização à Igreja, fêz imprimir muitos livros religiosos em romeno, traduzindo êle próprio a *Liturghia* (1815) e outros livros do eslavico antigo. Morreu em 1821 em Chisinau. Ver *Ibidem*, pág. 343 e sobretudo P. V. Hanes, *op. cit.*, págs. 95-146.

(26). — *Ibidem*, págs. 595-596.

Antonie Juminshi (1794-1876), outro ucraniano que se tornou romeno após ter sido levado para a Bessarábia pelo mesmo metropolitano, depois dos estudos teológicos realizados em Kiew, tornara-se inspetor do Seminário de Chisinău e mais tarde prior dum convento. Alexandre Hásdeu refere-nos que êle “começou a redigir um curso sôbre a escrita moldava e a recolher materiais para a história da Moldávia, e escreveu poesias religiosas (hinos)”.

Hasdeu menciona a tradução em russo de tôda a legislação moldava em vigor na Bessarábia, tradução devida a Eremie Janov, que fizera seus estudos na Moldávia; ocupa-se, depois, do poeta Constantin Stamati, antigo estudante em Jassy; êste conhece o grego antigo e o moderno, o francês e o russo; Hasdeu exprime tôda a sua admiração pela bela tradução (1830), do russo para o romeno, da célebre *Ode a Deus* de Derjavine, traduzida aliás em tôdas as línguas da Europa, e até em chinês e em japonês (27); lembra também suas traduções romenas de obras de Delavigne, Lamartine, Victor Hugo, Nodier, Balzac et Byron; as traduções dêste último foram feitas da versão francesa (28) de suas obras. Janov foi na Bessarábia, em escala mais reduzida, o que foram, na Moldávia, Georges Asachi e Heliade Rădulescu na Valáquia. E Hasdeu diz a seu respeito que “sua principal qualidade é o seu domínio da língua moldavia, sua penetração do gênio vigoroso dessa língua, na tradução dos assuntos difíceis que êle escolheu”. Mas sabe-se que Stamati publicou também poesias originaes duma expressão artística muitas vêzes muito pessoal, sátiras, prosa, e, sob o título de *O Conto dos Contos* (1843), uma epopéia sôbre as origens da Moldávia, onde êle bebeu abundantemente nas lendas e nos contos populares. É a primeira vez que se bebe assim nessas fontes, numa obra poética romena de alguma importância.

Hasdeu fala em seguida de Alexandre Sturdza (1791-1854), filho do governador da Bessarábia e ex-aluno das universidades alemãs, sôbre as quais êle fêz conhecer sua opinião. Sturdza publicou também estudos sôbre a fé ortodoxa no espírito do século XVIII, e um opúsculo sôbre a pronúncia da língua grega. Um detalhe que Hasdeu não nos comunicou é o fato de que o diplomata russo em Viena e em Paris acalentava o sonho de conservar e até de firmar cada vez mais leis e costumes moldavos na Bessarábia, e que “êle não escondia seu vivo desêjo de ver a Moldovaláquia como império independente, incluindo ainda a Bessarábia, a Bucovina e a Transilvânia”. Na revista *Moscoviténin* (1847, n. 1) e numa

(27). — Sôbre essa ode e os ecos da *Messíada* de Klopstock e as *Noites* de Young ver Turner, *Studies in Russian Literature*, Londres, 1882.

(28). — Stamati traduziu também poesias de Alfred de Vigny, de Thomas Moore, de Lermontov, de Puchkine, numerosas fábulas de Krylov e, em prosa, de Senkowski. Ver Al. Epure, op. cit.; G. Bogdan-Duică, Constantin Stamati, em *Transilvania*, 1920, pág. 169 e segs.; Ch. Drouhet, *Cavalerul Stamati* (O Cavaleiro Stamati) em *Viatsa Româneasca* (A Vida Romena), novembro, 1921; P. V. Hanes, op. cit., págs. 192-253; E. Dvoicenco, *Viatsa si opera lui C. Stamati*, (A Vida e a Obra de C. Stamati), Bucarest, s.d.

tiragem à parte (Odessa, 1847, n. 1) éle publicou as impressões de sua viagem a Viena e a Veneza, onde entre outros assuntos fala da origem dacoromena dos Romanos (29).

Constantino Filatov, intérprete no tribunal civil da Bessarábia, traduziu do russo os princípios do ensino religioso de Kocetov e o catecismo do metropolitano Filaret de Moscou e, do francês, as recordações sobre o imperador Alexandre le Bénit de Lencour.

Hasdeu ocupa-se enfim de seu pai Tadeu Hasdeu (1769-1835) (30), proprietário e tenente austríaco; êste fizera seus estudos jurídicos na Polónia e na Áustria, depois publicou em polonês dois volumes de traduções de dramas e de comédias de Kotzebue, a legislação da Moldávia recolhida em 1814 por Andrômaca Donici e uma antologia latina dos *Basilikâ*, isto é, dos *Basilicorum libri sexaginta*, em curso na Moldávia.

Essa primeira notícia feita para uso do Ocidente, e ignorada na Romênia até 1927, dá-nos assim a possibilidade de conhecer a atividade literária e cultural dos Bessarábios e até que ponto se estendeu na Rússia a cultura romena. Sob os títulos *Doina populară româneasca* (A cantiga popular romena) e *Cântec popular din Valáchia* (Canção popular da Valáquia), Alexandre Hasdeu publicou na revista *Molva* (1835, n. 35, pág. 127, e n. 36 pág. 147) a tradução russa de duas poesias populares, o que até 1936 era ignorado dos seus bibliógrafos (31). Trata-se ali do amor duma Romena por um estrangeiro e, na última poesia, do amor de um Romeno por uma estrangeira de olhos azuis, e da dor que sente a bem-amada de olhos negros; mas também aqui pairam dúvidas quanto ao caráter autenticamente popular dessas poesias.

Segundo Kogălniceanu (32), os historiadores da literatura romena atribuíram a Alexandre Hasdeu duas outras novelas históricas; entretanto, E. Dvoicenco estabeleceu que as novelas *O tesouro do administrador Patriceicu* (33) e *O Julgamento junto do Comando de Orheiu* publicadas na revista *Molva* (1835, n. 35 e n. 9) devem-se a seu irmão Boleslav Hasdeu, que em 1879, conforme escrevia a seu sobrinho Bogdan Petriceicu Hasdeu (34), se preparava para publicar na *Freie Presse* de Viena as tradições das famílias Petriceicu e Hasdeu; mas até hoje o periódico vienense não foi objeto de pesquisas nesse sentido. Naturalmente as duas novelas são históricas "à Macpherson", para empregar a expressão de B. P. Hasdeu, acima citada.

Cumpre-nos mencionar além disso o resumo, publicado em 1835 na revista *Telescop*, da obra de Alexandre Hasdeu escrita

(29). — L. Predescu, *op. cit.*, pág. 820.

(30). — Sobre êsse escritor, autor de poesias polonesas, ver Maria Kasterka, Tadeusz Hyzdeu em *Ann. Lit.*, XVI (1934-1935). Ver poesias de Tadeu Hasdeu em Júlia Hasdeu, *op. cit.*, vol. II.

(31). — E. Dvoicenco, *op. cit.*, pág. 26.

(32). — *Dacia Literară*, I, pág. 349.

(33). — A esposa de Alexandre Hasdeu era descendente de Estêvão Petriceicu, que tinha reinado na Moldávia de 1672 a 1674.

(34). — E. Dvoicenco, *op. cit.*, pág. 28, n. 6.

em alemão sob a forma de cartas ao filósofo e professor de Munique Görres: "Gregor Skowroda's Lebenswandel und Wirkungskreis mit der historisch-kritischen Würdigung seiner Schriften, als Beitrag zu einer Geschichte der slavischen Volkswisheit in Briefen an J. J. Goerres" (35). (A vida e a influência de Gregório Skowroda, com o exame histórico-crítico de seus escritos, como contribuição para uma história da sabedoria popular eslava nas cartas a J. J. Goerres).

*

* *

A revista *L'Europe Littéraire* (1834, tomo III) publica a novela valáquia *Loxandra* (1630) (36) de Afonso Reyer; pela data se pode ver que essa peça tem certamente por heroína a esposa de Alexandre Coconul, príncipe da Valáquia (1623-1627) e da Moldávia (1629-1630). E em 1835 *Le Constitutionnel* de Paris acolhe em seu folhetim o conto popular sobre o *haiduc Tunsu* (bandido "tosado") (37), que se deve ao general Michel Czaykowski (38), escritor polonês a quem o estudante Ion Ghica contara a história. Este último publica em Paris no mesmo ano, sob o pseudônimo de "M. de LXXX, antigo agente diplomático", um folheto: *Coup d'oeil sur l'état actuel de la Valachie et la conduite de la Russie relativement à cette province*, e, com o título de *Correspondance de Bucarest*, êle inicia no jornal *Le National*, de Paris, uma série de artigos sobre a situação romena (39).

Aqui há uma data e um fato a reter: é êsse o início de toda uma ação empreendida por alguns patriotas romenos para desper-

(35). — Traduzida em romeno sob o título: *Un filosof mistic* por Em. Griğoras, Bucareste, 1930. Em 1866, quando se constituiu a Academia Romena de Bucareste, êle foi nomeado seu membro, mas não pôde tomar parte nas suas sessões, porque a administração russa da Bessarábia lho impediu. Ver Liviu Marian, *Alexandru Hasdeu si Academia Română* (Al. Hasdeu e a Academia Romena) em *Memoriile Sectiunii Literare, Academia Română*, (Memórias da Secção Literária, Academia Romena), Bucareste, 1932. Sobre suas numerosas obras, das quais se perderam nove manuscritos (entre outros o dicionário romeno-russo) ver P. V. Hanes, *op. cit.*, págs. 167-184.

(36). — G. Bengesco, *Bibliographie franco-roumaine du XIX.^e Siècle*, Bruxelles, 1895, pág. 27, n.^o 1.

(37). — No *Almach d'Odessa*, apareceu em 1840 a novela "Tundza ou Tunsu", do escritor "Radu Curălescu de la fontaine badigeonnée", que foi traduzida para o romeno por A. Donici na revista de Kogălniceanu *Propăsirea* (*O Progresso*) (29 de outubro de 1844). Ainda está por estabelecer-se se ela depende do conto de Czaykowski, ou até se é a mesma obra. A *Pann. Poezii* (*Poesias*), Bucareste, 1837, tem uma "balada" popular — *Tunsul* (*O Tosado*).

(38). — Ele colocou Ion Ghica em contacto com o príncipe A. G. Czartoryski, de quem êle foi secretário, e que gozava de um grande prestígio junto dos gabinetes de Paris e de Londres, por causa de seu profundo conhecimento das tendências anexionistas do czarismo. Czartoryski (1776-1861) tinha sido ministro de negócios estrangeiros de Alexandre I, mas, tendo tomado parte na insurreição de 1831, foi condenado à morte por Nicolau I. Fugiu para Paris, onde trabalhou para a libertação da Polónia. Czaykowski nos seus belos romances inspirou-se em fatos e em lendas populares romenas. Ver I. Ghica, *Scrisori către V. Alecsandri* (*Cartas a V. Alexandri*), Bucareste, 1887, págs. 181 e segs..

(39). — *Ibidem*, págs. 189-190. Sobre I. Ghica, ver N. Georgescu-Tistu, *Ion Ghica Scriitorul* (*O Escritor Ion Ghica*), Bucareste, Academia Română, 1935.

tar o interêsse do Ocidente em favor do povo romeno oprimido, para fazer sentido o seu desejo de ficar, a partir daí, “sob a proteção das potências esclarecidas da Europa”.

O folheto do estudante Ghica teve a sorte de atrair a atenção de Saint Marc Girardin, entre outros, para a Romênia. Saint Marc Girardin, professor no Collège de France, visitou o país em 1836, a começar pela Transilvânia, e publicou uma série de treze artigos (40) no *Journal des Débats*, inaugurando assim com seu prestígio, uma defesa efficientíssima da causa romena na França e na Europa. Aí êle examina a língua e as suas origens latinas, a situação política, econômica e social do povo romeno. Em tudo isso toca apenas nalgumas questões literárias, contentando-se com indicar que, pelas idéias francesas que penetraram na Romênia através da literatura — especialmente pelas obras de Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Buffon, — a língua francesa ali exerce um papel destacado. “Em Jassy, escreve êle, há um teatro francês; na Valáquia a língua francesa é a base do ensino: ali se ensina o francês, como entre nós se ensinam o grego e o latim; o francês tem ali as honras de uma língua clássica” (41).

No ano seguinte o estudante Mihail Anagnosti (42) publica na *Revue des Deux Mondes* (15 de janeiro de 1837), sob o título *La Valachie et la Moldavie* (43), o primeiro artigo que apareceu nessa revista sobre os Romenos. Aí êle exprime a admiração e a sêde dos Romenos pela cultura nos termos seguintes: “O Valáquio prostra-se diante da superioridade intelectual... um homem instruído é para êle um semi-deus. O Francês, resultado último, expressão completa da civilização na Europa, é acolhido com entusiasmo na Valáquia” (pág. 133). Ocupa-se ainda no mesmo artigo da difusão, na Romênia, dos livros, das modas, da língua francesa, “que, diz êle, ali será logo de uso quase universal”; fala ainda nos moços que “vêm a Paris formar-se nos estudos fortes e fecundos” (pág. 134), afirmando que um jornal francês encanta o Romeno; “a leitura, observa êle, é de bom tom; as mulheres elegantes fazem dela uma necessidade de salão” (pag. 135).

O ano de 1837 oferece a nossas pesquisas ricos dados literários de grande interêsse. O escritor milanês Carlo Cattaneo (1801-1869), (44) discípulo de Romagnosi, interessou-se muito nos estudos lingüísticos, sobretudo nas relações históricas dos dialetos

(40). — Saint Marc Girardin republicou seus artigos *Souvenirs de voyages et études*, Paris, 1852, I, págs. 197-329; depois ainda um longo artigo sob o título *Les Voyageurs en Orient*, IV, *Les principautés du Danube* na *Revue des Deux Mondes* (1858), págs. 332-351.

(41). — Ver também V. V. Hanes, *op. cit.* I, pág. 97, nota 30.

(42). — Autor de numerosas publicações (Ver. A. Rally et Getta Rally *op. cit.*, I; págs. 5 e 6), que ainda não foram todas examinadas. Ver G. Bogdan-Duică, Mihail Anagnosti, em Lui Nicolae Iorga, *Omăgiu* (Homenagem a Nicolae Iorga), Craiova, 1921, págs. 45-49.

(43). — Sobre esse artigo histórico e político, ver V. V. Hanes, *op. cit.* I, págs. 137-141.

(44). — T. Massarani, *Carlo Cattaneo Scrittore*, Milão, 1901.

italianos: — “não se poderia fazer melhor do que hoje”, segundo a afirmação de Graziadio Ascoli (*Nuova Antologia*, 1900). Para esclarecer esse problema êle publica em “*Annali Universali di Statistica* (Milão, 1837) o estudo *Del nesso fra la lingua valacca e l’italiana* (45), que foi escrito em 1830, mas publicado em 1873, após as obras *Über die jetzigen romanischen Schriftsprachen* (1831) (Sobre as atuais Línguas Literárias Românicas) de L. Diefenbach (46) e a *Grammatik der romanischen Sprachen* (o vol. I saiu em 1836) de Frederico Diez, que tinham estabelecido cientificamente o estreito parentesco e a grande semelhança entre o italiano e romeno (47). Ademais esse estudo preencheu na Itália uma grande lacuna e constituiu a fonte mais eficaz da simpatia que eruditos como Tullo Massarani, Graziadio Ascoli, Marc’Antonio Canini, e outros nutriram para com os Romanos. O que encontramos de interesse para nossas pesquisas é a rica bibliografia lingüística, muito mais rica do que nas obras já mencionadas de Diefenbach e de Diez. Há quem tenha afirmado, sem o provar, que esse estudo foi “tirado quase inteiramente dum artigo de Kopitar — *Albanische, Walachische und Bulgarische Sprache und Literatur* (Línguas e Literaturas Albanesa, Valáquia e Búlgara), Viena, 1829” (48). Como não nos foi possível ver a obra de Kopitar, não podemos pronunciar-nos sobre a origem desse estudo lingüístico, tanto mais que êle não menciona as obras de Antônio Maria del Chiaro, de Fr. Grisellini e de F. Caronni, que já antes de Cattaneo tinham percebido e afirmado essa semelhança.

Cattaneo lembra “o léxico” em quatro línguas (*Lexikòn tetráglósson* — Léxico de quatro línguas) — grego, romeno, búlgaro e albanês — (que é antes um manual de conversação) de Daniel o Moscopolitano, e a seguir o glossário grego-arumeno-albanês (*Prótopeiria* = primeira tentativa) de Carvallioti (49) publicados em 1660 em Veneza, dando esclarecimentos sobre a língua dos romenos balcânicos. Depois êle menciona os *Elementa linguae daco-romanae* de Samuel Klein (Micu) publicados, diz êle, em

(45). — O estudo foi reimpresso em *Alcuni scritti del dr. Carlo Cattaneo* (1840) e enfim em *Opere editæ ed inedite di Carlo Cattaneo*, Firenze, Le Monnier, 1881, I, págs. 209-237, de que nos estamos servindo. Sobre este estudo ver Al. Marcu, *op. cit.*, págs. 49-52 e Cl. Isopescu, *Carlo Cattaneo e l’italianismo romeno*, no *Osservatore Romano*, 1944, n.º 295. C. Tagliavini, (Um frammento di Storia della lingua rumena nel secolo XIX, Roma, 1926, págs. 32-34) considera somente como provável a influência de Cattaneo sobre Heliade Rădulescu, que tratou do mesmo assunto.

(46). — Ver Cl. Isopescu, *Filologia romena all’Università di Torino verso il 1870*, em *Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino*, 1942, n.º 8, págs. 11-13.

(47). — Isso também foi pôsto em destaque por Franceses, como, por exemplo, Edouard Thouvenel, *La Hongrie et la Valachie*, Paris, 1840, págs. 190-191.

(48). — T. Onciulescu, *G. Vegezzi-Ruscatti e i Romeni*, Roma, 1940, pág. 10, nota 8.

(49). — Essa obra foi reeditada por J. Thunmann, *Untersuchungen über die Geschichte der östlichen europäischen Völker*, (Estudos sobre a História dos Povos da Europa Oriental), Leipzig, 1774; por Miklosich, *Rumunische Untersuchungen* (Estudos Romanos), Viena, 1881; por G. Meyer, *Albanesische Studien* (Estudos Albaneses), 1895.

1780 por Gh. Sincai em Viena; mas na realidade Sincai apenas os revira e prefaciara. Fala aí do alfabeto latino dessa obra “per zelo di cattolicismo”, e do cirílico, de que se servem os Romanos ortodoxos, e cuja origem e, depois, introdução entre os Romanos êle descreve. Cattaneo conhece a gramática de Văcărescu escrita nesse alfabeto, que êle cita em italiano — “Osservazioni sulla lingua Valaca” (1787). Fala da *Walachische Sprachlehre* (Gramática Valáquia) (Viena, 1788) do médico Molnar-Piuriu, com emprêgo dos alfabetos latino e cirílico, para uso dos Alemães; fala também da gramática de Radu Tempea, publicada em 1797. Cattaneo dá em seguida a data da reimpressão das obras de Daniel, de “Sincai” (isto é, de Micu) e de Molnar-Piuriu (50) e põe em relêvo o livrinho de Gheorghe Roja, destinado a divulgar o uso dos caracteres latinos, cujo título, traduzido, é o seguinte: “A arte de ler o romeno em caracteres latinos, que são os caracteres antigos dos Romanos, para ornamento de todo o povo romeno que vive de um e do outro lado do Danúbio” (1809).

Depois de ter ainda mencionado o resumo da gramática (1810) de Anton de Marki, a gramática (1821) de Andreas Clemens e a do dialeto aromeno (=macedo-romeno) (1815) de Mihai Boiagi (51) em alemão, cita o dicionário romeno, latino e húngaro publicado em 1822-1823, em Cluj, por insistência do bispo Jean Bob, e enfim o “*Gran Dizionario Quadrilingue*, che, incominciato da Samuele Klein e Basilio Colosi, e continuato da Pietro Maior, fu ridotto a compimento dopo 30 anni d’aspettazione, e stampato a Buda a spese dell’Università Ungarica col titolo di *Lexicon romanescu - latinescu - unguurescu - nemtescu*”, em 1825. É êsse o primeiro dicionário etimológico romeno: dêle se serviu F. Diez ao escrever sua *Grammatik* atrás citada. Cattaneo ocupa-se finalmente da *Grammatica Dacoromana* (1829) de J. Alexi (52) “scrita in latino alquanto incondito... ma la più adatta per gli Italiani... Però anch’essa ha il difetto d’una ortografia che non mira tanto al suono quanto alla derivazione delle parole, e quindi non atta a divenir popolare come quella del Boiagi. Vi campeggia l’affettazione del latinismo e l’abborrimento delle voci slave, che è comune a molti scrittori e massime cattolici, e fu da Radu Tempea spinto ad un vero eccesso”, exprimindo esta sensata advertên-

(50). — Além da edição de 1810 houve em 1823 uma terceira edição.

(51). — Essa gramática foi reeditada em 1863 por D. Bolintineanu e em 1915 por P. Papahagi, *Gramatica română sau macedoromână* (A Gramática romena ou macedoromena). Em sua descrição do dialeto aromeno, Heliade Rădulescu usou-a largamente. Ver *Opere*, II, págs. 225-244. Sobre essa gramática ver A. Dunker, *Der Grammatiker Bojadzi*, em *Zweiter Jahresbericht des Instituts für romanische Sprache zu Leipzig* (O Gramático Bojadzi, em Segundo Anuário do Instituto de Língua romena de Leipzig), II, págs. 1-146.

(52). — Sobre tôdas essas obras ver T. Cipariu, *Gramatistii si ortografistii români em Arhiva pentru filologia si istoria* (Os gramáticos e ortógrafos romenos em Arquivo de Filologia e História), págs. 561 e segs.; R. Jonascu, *Gramaticii români* (Gramáticos romenos) Iasi, 1914 L. Săineanu, *Privire asupra lexico-grafiei române* (Vista geral da lexicografia romena) em *Istoria filologiei române* (História da Filologia Romena), Bucareste, 1895, págs. 181-207.

cia: "I grammatici devono dare sesto e grazia alle lingue, non devono rifarle e rimpastarle, sotto pena di divenire inutili e stranieri ai loro concitadini" (pág. 235).

Observemos que essa lista não é completa. Poder-se-ia ajuntar *Observatsii de limba românească* (Observações sobre a língua romena) (1799) de Paul Jorgovici, que fizera estudos em Roma, em Paris e na Inglaterra; *Ortographia romana sive latino-valachica* (1819) de Petru Maior; *Ortografia* (1818) e *Gramatica română* (1822 e 1823) de Constantin Diaconovici-Loga; *Wörterbuchlein Deutsch und Walachisches* (Pequeno Dicionário Alemão-Valáquio) (1822) de Molnar-Piuaru; *Gramatica românească* (1827) de Heliade Radulescu.

* *

Ainda que este esboço da bibliografia lingüística romena seja o primeiro que apareceu na Itália, no mesmo ano aparecia na Alemanha uma série de artigos do estudante Mihail Kogălniceanu (1817-1891) (53). Enviado em 1834 a Lunéville com os dois filhos do Príncipe Sturza — mas obrigado a continuar seus estudos em Berlim, porque os Russos não permitiam sua educação num país revolucionário como a França — ali publicou, a instâncias do sábio alemão Alexandre von Humboldt (54), no *Magasin für die Literatur des In-und Auslandes* (Revista de Literatura Nacional e Estrangeira), nos dias 18, 20 e 24 de janeiro de 1837, o primeiro ensaio sobre *Romänische oder Wallachische Sprache und Literatur* (Língua e Literatura Romena ou Valáquia), que podia ser na realidade também uma réplica a Cattaneo. Este pretendia que de romeno só havia léxicos e gramáticas. Sem conhecer o teor dessa observação de Cattaneo — seu estudo tinha sido redigido em 1856 — Kogălniceanu fornecia assim uma resposta peremptória às afirmações daquele. Mas é sobretudo uma réplica ao célebre lingüista F. G. Eichhoff, que em *Parallèle des langues de l'Europe et de l'Inde* (Paris, 1836) declarara que o romeno "est aussi un débris de la langue romane, qui, par son mélange avec le slavon, a adopté une forme toute spéciale, mais qui n'offre que peu de culture et par conséquent peu d'intérêt". Formulando a resposta, o jovem estudante enfrentou um problema assaz sugestivo, de que ficou sendo ele o primeiro promotor, isto é, a tarefa que incumbe aos Romanos

(53). — A. D. Xenopol, *Mihail Kogălniceanu*, Bucareste, 1895 (discurso de recepção na Academia Romena); N. Iorga, *Mihail Kogălniceanu, scriitorul, omul, politic și Românul* (Miguel Kogălniceanu, o escritor, o homem, o político e o Romeno), Bucareste, 1920; Radu Dragnea, *Mihail Kogălniceanu*, Bucareste, 1926; Cl. Isopescu, *Commemorazione di Mihail Kogălniceanu*, em Termini (Fiume) Out.-Dez. de 1942.

(54). — Ver a carta que Kogălniceanu escreveu ao poeta Asachi em Patria, de Jassy (15 de fevereiro de 1837).

de trazer ao conhecimento do Ocidente os progressos realizados por seu povo em todos os domínios e de defender a verdade (55). E a essa afirmação de Eichhoff êle opõe como moto duas frases bastante divergentes. A primeira do Conde de Hautérive (1824): “Il faudrait regretter la langue moldave, parce qu'elle est la dernière trace de l'inflexibilité du caractère romain. Elle s'est enrichie des mots de toutes les langues du Nord et du Midi, sans changer ni ses anciennes expressions, ni son génie primitif; elle est encore la langue romaine, non celle de Cicéron et du siècle d'Auguste, elle date beaucoup de plus loin. La langue moldave est celle des soldats de Romulus, elle a conservé la dureté de leurs moeurs, et toute la grossièreté de leurs manières”. [Cumpre lamentar a língua moldava, porque ela é o último traço da inflexibilidade do caráter romano. Enriqueceu-se de palavras de tôdas as línguas do Norte e do Sul, sem mudar suas antigas expressões, nem seu gênio primitivo; ela ainda é a língua romana, não a de Cícero e do século de Augusto: é bem mais antiga. A língua moldava é a dos soldados de Rômuço: conserva a dureza de seus costumes e tôda a rusticidade de suas maneiras”]. A outra é de Schneidawind (1832): “Durch Zartheit und Wohlklang ausgezeichnet, scheint sie zum Gesang geschaffen und was die Süsse und Weichheit anbelangt, kann sie fast der italienischen zur Seite gestellt werden”. [Pela delicadeza e harmonia por ela ostentadas, ela brilha e, no que concerne à doçura e à suavidade, quase pode ser colocada ao lado da Italiana”].

Longe de sua pátria, sem precusores, desprovido do material indispensável, o jovem Kogălniceanu defende a cultura de seu povo, provando a latinidade da língua, pela comparação dos oito primeiros versos do *Orlando Furioso* com os de sua tradução romena; e, como Adelung no seu *Mithridates* (1806) tinha publicado diversos “Padres nossos” errados, êle apresenta um em letras latinas e cita empréstimos alemães, gregos, turcos e sobretudo eslavos existentes em romeno. Se é verdade que desde a publicação, em 1780, da gramática de Clain e Sincai em caracteres latinos, êstes acabaram por impor-se, êle engana-se afirmando com base no douto historiador Cantemir que é do reino de Alexandre-o-Bom (1400-1432) que data a introdução das letras cirílicas e da língua eslava na Igreja, e que a substituição do eslavo pelo romeno como língua da Igreja data da época de Mateiu Basarab (1632-1654) e de Vasile Lupu (1634-1653), isto baseado em Petru Maior. Dá a seguir o títu-

(55). — Em 1942 a revista “Quadrivio”, de Roma, escreveu sobre a *Letteratura Romena* (Roma, A. Signorelli, 1941), do falecido filólogo Ramiro Ortiz que aquêle livro “non interessa”. “Colpa dell'autore? No, della letteratura romena”. Mas o estudante Kogălniceanu tinha morrido havia já muito tempo e o professor e conselheiro cultural da legação romena em Roma em 1942, Sever Pop, não seguiu o exemplo do estudante de 1837, nem a sugestão de Ramiro Ortiz, que no dia 27 abril de 1942 escrevia com máguia: “Se o professor de língua romena Sever Pop não creu de seu dever defender o espírito de sua nação... eu de minha parte nada tenho a ajuntar”.

to de alguns dicionários e gramáticas desde o começo da escola transilvana.

Ele reconhece a *Cazania* (coletânea de homílias) de 1580 como o mais antigo livro impresso em romeno, e, lembrando a literatura eslava, salienta o mérito do Príncipe Rakoczy na introdução do romeno como língua da Igreja; Kogălniceanu é o primeiro a mostrar-nos a evolução da literatura religiosa. Mas êle exagera a antiguidade dos documentos manuscritos quando, seguindo o padre Pray (56), situa nos séculos XII e XIII a primeira coleção de leis que se deve a João Comneno e que foi traduzida para o romeno; dá em seguida a lista dos códigos de Mateiu Basarab (1644) e de Vasile Lupu (1646), as primeiras leis impressas — cujas fontes são notadamente as *Institutiones*, *Digesta*, *Codex* e *Novellae* e também a *Praxis et theorica criminalis* de Prosperus Farinaccius (57) — a tradução de Harmenopulos (1804), que se deve a Alex. Moruzi, com os códigos de Callimachi (1816) e de Caragea, até o Regulamento orgânico (1830) e a coleção de Costachi Sturza (1834), que ficou desconhecida.

Quanto às obras históricas, Kogălniceanu menciona as crônicas antigas do século XII, Gregório Ureche, de quem tratara Peyssonnel (58), e, depois dêle, Miron Costin e o historiador Dimitrie Cautemir “conhecido em tôda a Europa”, e cujas obras êle enumera (59), a *Historia tês pâlai Dakias* (História da Dácia antiga), em três volumes (Viena, 1818-1819), de Dionísio Fotino, “a história mais completa da Dácia que já foi publicada até este dia”, e êle sabe que seu ex-professor de francês, o monge Gherman Vida, publicava então em Jassy uma história da Dácia antiga e moderna, cujo nome lhe escapa (era a de Gheorghe Sincai, mas esta appareceu incompleta em 1843) (60); foi assim o primeiro a chamar a atenção do público para êsse historiador. Faz a seguir menção da segunda edição da *Istoria pentru începutul Românilor în Dacia* (história do início dos Romanos na Dácia) (1812), de Petru Maior; menciona *Anticele Românilor* (a origem dos Romanos) (1832, 2 vols.) de Damaschin Bojinca, onde se acha uma descrição comparada dos costumes romanos e romenos, o resumo da história e da geografia dos dois principados publicado em *Cele dintâiu cunostinte ale tinerimii* (Os primeiros conhecimentos dos jovens) por Gri-

(56). — “Regula Legis voluntati divinae accomodata” em Pray, *Dissertationes historice criticae in Annalibus Veterum Hunnorum*, Diss. 7 § 3, pág. 139.

(57). — St. Longinescu, *Istoria dreptului Românesc* (História do Direito Romeno). Bucareste, 1908, e *Pravila lui Vasile Lupu si Prosper Farinaccius* (A Lei de Vasile Lupu e Prosper Farinaccius).

(58). — *Observations historiques et géographiques sur les peuples barbares qui ont habité les bords du Danube et du Pont Euxin*, Paris, 1765. (Capítulos XXIV e XXV).

(59). — Uma rica bibliografia em *Dizionario biografico universale*. Prima versione dal francese con molte giunte e correzioni, e con una raccolta di tavole comparative (compilatore: Felice Scifoni). Firenze, 1840. I, pág. 803.

(60). — Completa somente em 1853 e em 1866 em 3 volumes. Sobre Sincai ver as belas páginas que lhe consagra Edgard Quinet, *Oeuvres complètes*, Paris, 1857, pág. 63-66.

gore Plesoianu, cujas traduções também êle conhece (de Marmon-
tel, de Fénelon, etc.).

Entre os livros populares mais divulgados, Kogălniceanu ocu-
pa-se do *Romance de Alexandre*, onde muitas vêzes se descrevem
costumes romanos e a *Istoria despre Arghir cel frumos si despre
Elena cea frumoasă* (História de Arghir, o belo, e da bela Helena)
(1801), conto alegórico em versos de Joan Barac sôbre a conquista
da Dácia pelo Imperador Trajano; êle deve ter lido certamente es-
ta última obra, pois que dela êle dá os traços essenciaes e afirma
sua origem húngara mencionada pelo autor no prefácio (61). No-
ta em seguida um poema de título esquecido: deve ser certamen-
te o "*Diálogo em versos jocosos entre o ébrio Leonato e sua espôsa
Dorofata* (1815), de Vasile Aaron, cujas fontes não foram deter-
minadas, mas devem ser italianas.

Voltando-se para a poesia, que êle considera como o mais rico
gênero literário, remonta à tradução metrificada do *Saltério* (1673),
"verdadeira obra-prima de versificação", do metropolitano Dosofteiu;
não destaca, entretanto, o primeiro epigrama romeno publicado em
Cartea de învățătura (O livro de aprendizagem) (1643), um enig-
ma em *Evanghelia învățtoare* (O Evangelho ensinador) (1664)
(62), etc., e sobretudo os versos de Miron Costin sôbre a origem ro-
mana dos Romanos: "De onde vem o povo da terra moldava? Da
Itália, saibam-no todos...". A razão é que todos êsses versos são
inferiores aos de Dosofteiu; e êle não menciona os volumes "*Cule-
gere de poezii*" (Seleção de Poesias) (1820) de Negruzzi, *Rost de
poezii* (1820) de B. P. Mumuleanu et *Către neamul Moldovei* (Ao
povo da Moldávia) (1822) de Gh. Asachi. Kogălniceanu, apresen-
tando o poeta Asachi — que tinha estudado na Polônia, em Viena e
em Roma (de 1808 a 1812), e traduzido em versos "fábulas de La
Fontaine, muitas odes de Lamartine, cantos de Anacreonte e sone-
tos de Petrarca", e que êle considerava "o maior poeta vivo dos Ro-
menos" — dá prova de sensibilidade poética com uma boa tradução
alemã da ode *Cătră Italia* (à Itália). Antes de Byron, e de Château-
briand, nosso poeta vê nas gloriosas relíquias de Roma a grande
beleza da rainha morta do universo; em vez de envolvê-la na pá-
lida luz da lua êle a mergulha na chama do sol e de um céu eterna-
mente serenos. Asachi parte das *Ruines de Volney* começando sua
poesia com "*Eu vos saúdo da Invocação*; mas, se a Roma antiga que
êle tem sob os olhos não passa de ruínas, conserva, entretanto, de
sua glória passada um aspeto maravilhoso em monumentos impo-
nentes, como o Capitólio, a Coluna de Trajano, onde no bronze se

(61). — Esse conto, que repousa sôbre um tema universal, refunde a *Argirus
historiâja* (1794) de Gerjey e foi muito estudado pelo que toca a relações entre
as duas obras. Ver J. Colan *Viata si opera lui Ioan Barac* (A vida e obra de
João Barac), Bucareste, 1928; G. Bogdan-Duică, *Ioan Barac, Studii* (João Ba-
rac, Estudos), Bucareste, 1933; L. Galdi em *Archivum Philologicum*, 1939, págs.
153-172, exprime antes o ponto de vista da política húngara.

(62). — Encontram-se ainda outros em "Seapte taine" (Sete Mistérios), 1644;
"Pravile împărătești (As Leis imperiais), 1946; "Indreptarea legii (A refor-
ma da lei), 1652; "Târnosanie", 1652, etc.

revê a história das origens do povo romeno. Asachi, como mais tarde Carducci, canta um hino à nova glória e à luz de Roma — a da poesia, da arte e da ciência —, o que nenhum poeta estrangeiro tinha feito até então. Nesse jardim da Europa, o Romano da Dácia vem entre os seus antepassados “beijar o pó de seus túmulos e instruir-se pelas suas virtudes”, o que lembra a expressão de Volney: “O’ túmulos! Vós possuíis virtudes!”.

Como essa ode é animada por um sôpro clássico profundo, re-produzimos da tradução de Kogălniceanu as últimas estrofes:

... Ist in dem Walde die alte Eiche vor Alter gestorben,
So wachsen aus ihrer befruchteten Erde tausend schöne Blumen hervor;
So auch sind nach dem Falle von Rom, in ausgesuchtester Schönheit,
Gleich neuen glänzenden Gestirnen, Ariosto, Raphael,
Galileo, Kolumbus Italien geboren, und ihrem Genius
Spendet die Welt, wie den Tagen der Vorzeit, einen ununterbrochenen
Tribut.

In diesem Gärten Europas, wo das Wort so süß ist,
Wo die Malerei und der Wohlklang untenworfen und bezaubert haben
Die Fürsten und die Sklaven der Erde, die stets sich dort versammeln
Von Norden und Westen, voll von der Bewunderung Leidenschaft,
Kommt ein Römer von Dacien zu seinen Vorfahren, um zu umarmen
Die Asche ihrer Gräber und ihre Tugenden zu lernen (65).

Mas aquêle que Kogălniceanu considera, depois de Asachi, como um dos primeiros poetas é Heliade Rădulescu; dêste êle conhece traduções do francês, como a das *Méditations* de Lamartine. E sabe que êle preparava uma “epopéia nacional consagrada a Miguel o Bravo”, *Michaida*, publicada de fato em 1840. Fala das “numerosas e belas poesias”, entre as quais “O soldado romeno” e “Estêvão o Grande”, do primeiro poeta da Bessarábia, Cestache Stamati; depois dêste, menciona A. Hrisorghî, cuja *Ode às Ruínas de Neamtu* êle considera “uma das mais belas que existem na língua romena”. Chega enfim a Jancu Văcărescu, “o Anacreonte dos Romanos”, que além de compor poesias originais tinha traduzido diversos cantos da *Gerusalem Liberata*, o que ninguém sabia. Aprecia ainda Alexandre Beldiman antes de tudo como tradutor de tragédias francesas — de Voltaire, Florian, Regnard, Prévost

(63). — Caracostea, *Izvoarele lui G. Azaki* (As fontes de G. Azaki), Bucarest, 1928, pág. 31, al vê antes uma influência de Horácio.

(64). — Uma tradução italiana de Cl. Isopescu “Il poeta Giorgio Cesachi in Italia”, Livorno, 1930 págs. 30-31.

(65). — Se na floresta morreu, de velho, o carvalho antigo, brotam da terra por êle fecundada milhares de lindas flores. Assim também, após a queda de Roma, na mais delicada formosura, para glória da Itália nasceram, como novas e cintilantes constelações, Ariosto, Rafael, Galileo, Colombo, e ao seu gênio, como aos dias do passado, oferece o mundo um tributo incessante. Nesse jardim da Europa — onde a palavra é tão doce, onde a pintura e a melodia têm subjogado e encantado os príncipes e os escravos da terra, que sempre aí se reúnem do Norte e do Ocidente — vem, cheio de admiração e ardor, um romano da Dácia aos seus antepassados para abraçar a cinza de seus túmulos e aprender as suas virtudes.

— e da Odisséia, traduções que não foram impressas. Conhece igualmente a existência de seu longo poema sobre a revolução de 1821, que éle próprio, Kogălniceanu, publicou mais tarde em 1846, e a descrição duma viagem pitoresca nos Cárpatos, que não chegou até nós.

Quanto à poesia dramática, Kogălniceanu diz justamente que ella não possuía ainda obras originais; mas que havia somente traduções de Racine, Voltaire, Molière, Florian, Gessner, do “*Moïse*” de Chateaubriand, que aliás não conhecemos, e das tragédias de Sófocles e Eurípedes; mas esquece Metastásio, Alfieri e Goldoni. Entre as peças originaes, menciona as que têm por assunto Estêvão o Grande, a Festa dos Soldados (66), e a tragédia sobre Miguel o Bravo, tôdas manuscritas e em versos, de Asachi. O manuscrito da última, bem como os da tradução de *Alzira* e de *Saül* e da *História do Império Romano*, foram destruidos pelo incêndio de 1827 em Jassy. Em 1834, publicou-se ainda, em Jassy, o drama heróico de Asachi sobre Dragos, o primeiro príncipe moldavo (67). Conhece também o início da “Sociedade Filarmônica” fundada em 1833 (68) em Bucareste, onde se representaram em tradução romena peças de Voltaire, Molière, Goldoni e Alfieri.

E após as informações sobre a imprensa periódica — quatro jornais — pouco desenvolvida (69), sobre os doze almanaques, de publicação anual, que publicam também poesias, sobre obras militares e didáticas, traduções ou compilações de manuaes franceses, éle diz que havia boas traduções de obras sobre a história universal e conta que uma obra sobre Napoleão se tinha tornado um livro popular.

No que concerne à literatura, havia traduções de bons escritos europeus, sátiras originaes como “A verdade e a mentira”, de autor anônimo; mas o “núcleo da poesia popular é, diz éle, constituído pelas baladas e pelos cantos populares”, entre os quais alguns havia — éle dá os títulos de uns poucos (70) — que fariam honra aos melhores poetas. Sobre os cantos populares éle cita uma longa passagem do livro de F. J. A. Schneidawind (71). Como esse

(66). — Na realidade “A festa dos pastores moldavos”, representada a 10 de abril de 1834 em Jassy.

(67). — Cf. Isopescu, *Italia e gli inizi del teatro drammatico e musicale romeno*, Livorno, 1929, pág. 23.

(68). — J. Xenofon, *Filarmonica de la 1833 (A Filarmônica de 1833)*, Bucareste 1934.

(69). — Mas éle não menciona “Le Courrier de Bukarest” (1836) de Alfred Poissonier. Ver V. A. Urechia, *Istoria Scoalelor (A História das Escolas)*, Bucareste, 1864, I, pág. 154.

(70). — Como as baladas: *Moartea lui Hangerliu, Domnul Moldavei; Cucerirea Cetății Hotinului; Moartea lui Ghica, Domnul Moldavei*. (A morte do Príncipe Moldavo Hangerliu; A Conquista da Cidadela de Hotin; A morte do Príncipe Moldavo Ghica), mas tôdas essas são produções eruditas baseadas em fatos históricos. Ele não conhece a pequena coletânea de cantos rústicos publicada em Sibiu em 1768: *Cântece Câmpenesti cu glasuri românești (Cânticos Campeneses com letras romenas)*.

(71). — *Taschen-Bibliothek der Reisen*, von J. H. Jäck, 85-stes Bändchen (Biblioteca de Bolso das Viagens, por J. H. Jäck, Vol. 85), Nuremberg, 1832.

livro não foi ainda examinado (72) e como não tivemos a oportunidade de o consultar, reproduzimos um trecho da citação que dele faz Kogălniceanu:

“... Das Volk fühlt des und sehnt sich beständig nach Sang und Klang. Kaum erscheint ein neues Lied, so durchtönt es mit Blitzschnelle das ganze “gottgesegnete Land”... und dieselben Lieder, die bei der Begleitung der Guitarre von den glühenden Lippen einer reizenden Moldauerin sich ergiessen, ertönen sehnsuchtsvoll bei den melancholisch-schmelzenden Horn-Akkorden in den niederen Hütten der Bauern, auf den Kahlen Felsenspitzen u. durch Steppen, beim matten Scheine des aufsteigenden Halbmondes, oder verklingen im Rauschen Nordischer Stürme. Die meisten dieser Lieder sind Erzeugnisse des romantisch-poetischen Geistes des gemeinen Volkes, vor allem der Hüter der Gestüte und der Heerden. Unter freiem Himmel werden Lieder der Liebe gedichtet, und der Anblick majestätischer Naturszenen weckt den Funken der Poesie und facht ihn zur Flamme an. Wenn mit dem herannahenden Winter die Hirten mit den Heerden in die häuslichen Umzäunungen zurückkehren, bringen sie gewöhnlich einen reichen poetischen Schatz mit. Viele dieser Lieder verdanken ihren Ursprung der glühenden Phantasie geistreicher und gebildeter Bojarinnas; so ist das herrliche Lied: *din ciasul dispartirei* (des l'heure de la séparation) von einer Fürstin gedichtet, eines der schönsten Liebeslieder aller Sprachen. Liebesklagen sind der gewöhnliche Gegenstand ihrer Poesie; doch auch wichtige, auf seine poetische Existenz Bezug habende Ereignisse begeistern den sanglustigen Wallachen mit dichterischem Feuer. So hat man manches schöne kräftige Lied aus den Zeiten des Aufstandes des wallachischen Hospodars Brankowanu (73), und das zarte, düstere Lied des fliehenden Hetäristen: *Nu-i, nu-i, nădejde, nu-i* (74) (Il n'y a pas d'espoir, il n'y en a pas). Kann als Seitenstück zu der himmlischen Hymne des Thessaliers Riga: *Deyte paides tön Hellënön*; angesehen werden. Die höchst einfachen Melodien haben einen eigentümlichen Reiz; sie bewegen sich meistens in Molltönen in einem feierlichen Rythmus sehnsuchts- und empfindungsvoll.

“... Die von (den Zigeunern) verfassten Melodien tragen sie mit ungemeiner Geschicklichkeit und Empfindung vor. Der Name eines Angelo, Giorgi und Suceava ist weit und breit in der Bukowina bekannt. Die Instrumente, mit denen sie sich beim Absingen der Stanzas begleiten, sind Violinen, Papageno-Pfeifen und einer Art Guitarre, auf der sie mit einem Federkiele spielen (Cobza). Sind Musik und Poesie die Grund-Akkorde in der Seele, die bei einzelnen wie ganzen Nationen in so mannigfaltigen Abwechslungen hervorströmen, so sollen wir auch diesen Tönen der

(72). — N. Iorga, *Istoria Romănilor* (A História dos Romanos), Bucareste, 1936, IX, pág. 89, nota 3.

(73). — Sobre a “balada” de origem culta *Cântecul lui Constantin Voda* (A canção de Constantino Voda), onde se encontra o tema da decapitação do príncipe ou de um dignitário, tema poético difundido na Romênia, no sec. XVIII, ver N. Cartoian, *Istoria literaturii române vechi* (História da literatura romena antiga), Bucareste, 1945, III, págs. 262-263. Mas não se tornou popular.

(74). — Kogălniceanu escrevia de Berlim em 1838: “Enviai-me as notas e as palavras das canções Nu-i, nu-i nădejde, nu-i e Zion, ceasul despătirii... (Não há, não há, não há esperança e O Dia, a Hora da Separação). Muitos autores daqui pedem que eu traduza algo da poesia moldava e depois o publique”. (Ver M. Kogălniceanu, *Scrisori, 1834-1840*, ed. P. V. Hanes, Bucareste, 1913. Mas Kogălniceanu não publicou essas canções moldavas em Berlim.

Natur ein aufmerksames Ohr leihen; mit ihrer Hülfe sollen wir bis zur Quelle dringen, aus der sie so reich hervorsprudeln. Dieser Gesang, so einfach und monoton er erscheinen mag, ist stets als ein heiliger Naturhymnus zu betrachten. Fehlt auch dem Gesange des Nordens die Glut und Frische des Südens, so ist die Sehnsucht danach um so rührender ausgesprochen" (75).

Eis em resumo os principais pontos a destacar nessa passagem: Schneidawind fala da circulação rápida de novos cantos em todo o país, afirma a sua criação por pastores sobretudo, mas algumas vezes também por pessoas cultas; lembra canções populares compostas também por ocasião de certos acontecimentos históricos, poesias que são inseparáveis da música. E' a segunda apresentação dos cantos populares romenos um pouco mais importante e anterior à de Constantin Negruzzi (esta em romeno) a *Dacia Literară* (A Dácia Literária) (1840) de Kogălniceanu.

Prosseguindo em sua exposição, Kogălniceanu menciona a existência de cantos heróicos e de poemas sobre bandidos célebres — dá alguns nomes como Jamandi, Bujoru, o Filho da Romênia etc. — e depois estuda instituições escolares e culturais como a Academia Mihăleană (1835) — cujos membros tinham sessões regulares e onde estudavam cem filhos de boiardos e de empregados —, assim como a "Sociedade de Ciências Naturais e de Medicina", que estava em relações com as de Württemberg e de Bade. Com efei-

(75). — "...O povo o sente e constantemente suspira pelo canto e pela música. E mal surge uma nova canção, logo, com a rapidez de um relâmpago, já ela ressoa por toda a "terra abençoada"... e os mesmos cantos que ao som da guitarra brotam dos lábios ardentes de uma moldava encantadora ressoam, cheios de nostalgia, entre os melancólicos e suaves acordes de corneta nas humildes cabanas dos camponeses, sobre os picos desnudos e através das savanas, à pálida luz da lua crescente que se eleva no horizonte, ou se perdem no ruído das tempestades do Norte. A maioria desses cantos são produtos da alma romântica e poética do povo comum, sobretudo dos guardas das coudelarias e dos rebanhos. Ao ar livre, entoam-se canções de amor, e a contemplação de majestosas cenas da natureza acende a centelha da poesia e a desdobra em chama. Quando, com o inverno que se aproxima, os pastores voltam com os rebanhos para os apriscos, trazem em geral consigo um rico tesouro poético. Muitas dessas canções devem a sua origem à fantasia ardente de "Bojarinas inspiradas e cultas; tal é a magnífica canção *din ciasul dispartirei* (desde a hora da separação), composta por uma princesa — a mais bela canção de amor de todas as línguas. O tema dominante na sua poesia são queixas amorosas; mas também acontecimentos importantes relacionados com sua vida poética inspiram, com a chama poética, o Valáquio apaixonado pelo canto. Assim, temos belas e vigorosas canções dos tempos do "Levante" do Hospodar Valáquio Brancovanu, e a canção suave e triste do "heterista" fugitivo: *Nu-i, nu-i, nadejde nu-i* (Não há, não há, não há esperança). Pode ser considerada um "pendant" ao hino celestial do te-salio Riga: *Dește paides tón Hellénón*. (vinde, filhos dos Helenos). As melodias altamente simples têm um encanto especial: movem-se sobretudo em tons menores em ritmo solene, cheio de nostalgia e de sentimento.

"... As melodias compostas pelos Ciganos são por elas apresentadas com admirável habilidade e sensibilidade. Os nomes de um Angelo, Giorgi e Suceava são conhecidos por toda parte na Bucovina. Os instrumentos com os quais são acompanhados no canto das estâncias, são violino, uma espécie de flauta, e uma espécie de guitarra que eles tocam com uma palheta de pena" (Cobza). Se são música e poesia os acordes fundamentais da alma, que brotam, no indivíduo como em nações inteiras, em tão diferentes circunstâncias, não devemos portanto negar atenção a esses dons da Natureza; com sua ajuda iremos até à fonte na qual elas jorram tão ricamente. Esse canto, por mais simples e monótono que pareça, deve ser sempre considerado como um santo hino da natureza. Se faltam também ao canto do Norte o calor e a frescura do Sul, contudo, a nostalgia deste é tanto mais comoventemente expressa.

to, J. N. de Meyer (76), primeiro médico do príncipe reinante, na primeira assembléa geral de Bonn (1835), pronunciara um discurso sôbre o progresso das ciências naturais nos dois principados. Para terminar, Kogálniceanu cita o museu de ciências naturais de Jassy, rico de objetos raros, e as imprensas numerosíssimas no país.

Se fizemos uma análise tão minuciosa dêsse ensaio, é porque êle representa o primeiro estudo publicado no estrangeiro com informações muito extensas e muito judiciosas sôbre as manifestações culturais e literárias na Romênia; é também porque êle é antes o fruto da inteligência e da sêde de cultura do que de uma preparação metódica nesse moço de apenas vinte anos. O mesmo Kogálniceanu ainda em 1837, em Berlim, publicava em francês o volume "*Esquisse sur l'histoire de la Dacie des Valaques transdambiens et de la Valachie*, e o opúsculo *Esquisse sur l'histoire, les moeurs et la langue des Cigans* (77) (tradução alemã, Stuttgart, 1840). Fizemo-la ainda minuciosa, porque, mesmo na Romênia, se desconhece o conteúdo dessa excelente exposição (78), que despertou o interêsse da Europa pelos Romanos: é fato que, naquele mesmo ano de 1837, no dia 13 de fevereiro, a mesma revista publicava uma boa parte do artigo já mencionado de Anagnosti. Mas nossa insistência se deve sobretudo ao fato de que as primeiras bases de uma história literária romena foram lançadas por êsse estudo de Kogálniceanu.

No mesmo ano de 1837 aparece, em tradução de M. Mendoza, o artigo *Cérémonies nuptiales dans la Moldavie et la Valachie* (79).

O sábio alemão J. G. Kohl reproduz na descrição da viagem à Bessarábia (*Reisen in Südrussland*, Leipzig, 1838, 2a. ed. 1847) contos que lhe foram comunicados pelos habitantes de Bender sôbre a estada ali do rei Carlos XII da Suécia após a batalha de Poltava (1709), entre outras a história dos tesouros que a filha do rei teria escondido nas cavernas. Mais interessante, porém, do ponto de vista da literatura popular é sua tradução em alemão das canções moldavas seguintes: *Fruză verde liliac* (Folha verde de li-

(76). — *Du progrès dans les principautés de Valachie et de Moldavie, spécialement sous le rapport des sciences naturelles. Discours prononcé dans la première assemblée générale des naturalistes et médecins allemands à Bonn. Paris 1835.* Ver G. Bengesco, *Bibliographie franco-roumaine du XIX.º siècle*, Bruxelles, 1895, pág. 27.

(77). — *O Magazin für die Litteratur des Auslandes* (Revista de Literatura Estrangeira) n.º de 6 de outubro de 1837, traz dêsse opúsculo uma apreciação em que propõe a adoção da denominação *Cigains* pelo "Dictionnaire de l'Académie Française" ao lado de *Bohémiens* ou até para substituir a esta.

(78). — N. Cartoian (Mihail Kogálniceanu. *Activitate literară*, Bucareste, Academia Română (Romena) 1942), que relata tantas cousas inéditas, nada fala dêle.

(79). — *Revue du Nord*, 1837, tomo IV, S. II, n.º 10, págs. 264-271. Ver G. Bengesco, op. cit., pág. 29. Essas cerimônias tinham sido descritas por D. Cantemir, *Historisch-geographisch- und politische Beschreibung der Moldau* (Descrição Histórica-geográfica e política da Moldávia), Hamburgo, 1771. Ver também J. Voinesco, *Coutumes du pays roumain*, em V. Alexandri, *Les Doinas*, traduzidas por J. Voinesco, Paris, 1855, págs. 121-127.

laz) e *Fruză verde de mătasa* (Folha verde de sêda) (78), que não estamos em condições de reproduzir, por não podermos consultar o volume. Que saibamos, Kohl é, depois de Fr. J. Sulzer, o segundo tradutor estrangeiro de poesias populares romenas numa língua ocidental.

*
* *
*

Chegamos agora a Felix Colson, secretário do consulado francês em Bucareste (1837-1839). Antes mesmo de J. A. Vaillant, autor da obra fundamental em três grandes volumes, *La Romanie* (sic) (Paris, 1844), Colson foi o campeão mais tenaz e mais fecundo do reconhecimento da soberania e da unidade da nação romena pela Europa e da cessação do protetorado ilegal da Rússia. Esse escritor político, ainda insuficientemente estudado, chegou a tratar dos mais importantes problemas internacionais da Europa (82). Seu principal mérito é ter sido naquela época, como êle mesmo diz, “o primeiro na Europa” a elevar “a voz opondo os princípios do direito das gentes às usurpações e às pretensões do Sultão e da Rússia” (83). Na sua obra, fundamental na época, para os estados romenos — *De L'état présent et de l'avenir des Principautés de Moldavie et de Valachie* (Paris, 1839) (84) —, Colson, filho do emigrado M. Colson, que dera lições ao poeta Jenăchită Vacarescu (85), revela-se conhecedor do romeno, e é o primeiro a dar-nos uma vista geral da literatura romena por meio de traduções.

No capítulo sôbre a *Gloire passée des Roumains* — êle é um dos primeiros estrangeiros a empregar o nome de *Roumains* em lugar de *Moldo-Valaques* — Colson reproduz “textualmente os

(80). — N. Iorga, *Istoria Romănilor prin călători* (A História dos Romenos através de Viajantes), Bucareste, 1922, III, págs. 143 e 146.

(81). — *Geschichte des transalpinischen Daciens* (*Hist. da Dácia transalpina*), Viena, 1782. II, págs. 416-418. Ver. C. Isopescu, *Renseignements sur la littérature en Roumanie*, em *Pagine Nuove*, III, n.º 3-4, pág. XII.

(82). — I — *Chrétiens et Ottomans: Les Principautés de Valachie, de Moldavie, de Serbie; les Monténégriens; les Rayas chrétiens des Turquies; les Ottomans*, 2 vols.; II — *Slaves et Germains: La Russie, la Pologne, l'Autriche, l'Allemagne et les peuples scandinaves*, 3 vols.; *Les Latins: Questions internationales: La France, l'Italie, l'Espagne, la Belgique et la Suisse. De la domination anglaise*. Ver F. Colson, *Nationalité et Régénération des paysans moldo-valaques*, Paris, 1862, págs. 8-9.

(83). — *Nationalité*, cit., págs. 203-204. Ver V. V. Hanes, op. cit. I, pág. 151, que à pág. 180, n.º 77, dá a lista das obras de Colson sôbre os Romenos.

(84). — Tradução romena por D. A. Sturdza, *Scurtă descriere a drepturilor Moldovenilor si a Muntenilor fundate pe dreptul gintșilor si pe trataturi de Felix Colson* (Breve Descrição dos Direitos dos Moldavos e dos Muntênios Fundados no Direito das Gentes e nos Tratados de Felix Colson), Iasi, 1856, mas não inteiramente. V. Alecsandri, *Amicii Romănilor* (Os Amigos dos Romenos) em *România Literară*, 1856, pág. 142, considera-o “o mais apreciado pelos políticos estrangeiros” e I. Ghica (Scrisori, cit. I, pág. 192) afirma que êle é “um dos melhores livros sôbre os Principados, um diagnóstico bem feito...”.

(85). — Pompiliu Eliade, *De l'influence*, cit., pág. 273. A igreja de *Drajna-dejos* possuía um grande quadro religioso de estilo ocidental pintado por um Colson. É possível que fôsse o pai de nosso autor.

trechos mais importantes” do discurso (86) pronunciado no dia 27 de julho de 1837, em Hotin na Bessarábia, por Alexandre Hasdeu, éforo da escola moldava e russa. “E’ com um sentimento de tristeza, escreve Colson à pág. 26, que o historiador moldavo deixa os anais dos tempos antigos para vir aos séculos mais recentes: despedaça-se-lhe o coração à lembrança da glória passada de seu país comparada com o seu estado atual”. Mas escutemos as palavras de Hasdeu: “Em nossa história as flores que nascem sôbre os túmulos de nossos antepassados são mais belas e mais frescas que as que crescem no reino dos vivos. Interrogando nossos velhos dias, o leitor imparcial verá que, se não pudemos atingir a êsse grau de existência política que distingue as nações da Europa, não é por causa de nossa fraqueza interna, mas das circunstâncias externas que nos comprimiram de todos os lados. A história prova que em nosso zêlo pela instrução não ficamos nunca na retaguarda, mesmo nos tempos mais infelizes de perturbações” (págs. 26-27).

Para prová-lo, Hasdeu adianta que o príncipe moldavo Alexandre-o-Bom teria estabelecido em 1401 em Suceava uma escola de direito, o que não foi confirmado, porque uma academia de direito e a revisão legislativa não poderiam fazer parte das preocupações daquela época (87). Houve nos estados romenos, “a partir do século XIII, escolas de latim ligadas aos bispados de Milcov, de Baia, de Siretiu, de Bacáu e de Arges” (86), e Hasdeu fala-nos da escola de grego, latim e de eslavo litúrgico para o clero, fundada por Alexandre-o-Bom e na qual ensinava o metropolitano Theoctista, depois da Universidade latina fundada em Cotnar pelo antigo estudante de Montpellier, Despot-Vodã, o Heráclida (1561-1563) (89) com uma biblioteca pública sob a direção de Jacob Sommer e do célebre sábio Joachim Retice, professor de Cracóvia. Baseando-se no testemunho do patriarca Macarius (90) de Antioquia, cujas viagens (1650-1660) foram descritas em árabe por seu secretário Paulo de Alepo e traduzidas para o inglês por Belfcur sob o título *The travels of Macarius* (Londres, 1836) (91), Hasdeu afirma que o príncipe Basile Lupu, fundador da Academia Basílica, da escola de teologia e de outras escolas para o estudo do antigo eslavo

(86). — Publicado na tradução romena de C. Stamati em *Foae pentru minte, inima shi literatura*, (Revista de Cultura Intelectual, Moral e Literária), Brasov, 10 de novembro 1838, e em *Curierul Românesc*, (O Correio Romeno), Bucareste, 21 de janeiro 1839. Esse discurso foi a primeira obra de Hasdeu traduzida para o Romeno e contribuiu para fazê-lo conhecido entre os intelectuais romenos. Ver P. V. Hanes op. cit., págs. 169-171.

(87). — Ver N. Iorga, *Histoire de l'enseignement en pays roumains*, Bucareste, 1933, pág. 4.

(88). — *Ibidem*, pág. 6.

(89). — Ver N. Iorga, *Nouveaux matériaux pour servir à l'histoire de Jacques Basilicos l'Héraclide*, Bucareste, 1900; N. Iorga, *Aventuriers orientaux en France au XVI.º siècle*, em *Bulletin de la Section Historique de l'Académie Roumaine*, tomo XVII (1930, págs. 1-22) e Un “Héraclide” à Montpellier, *ibid.*

(90). — Colson escreve: Malosius.

(91). — Não tivemos oportunidade de consultar êsse volume, cuja primeira parte foi traduzida para o Romeno pelo linguista E. I. Hasdeu em seus *Arhive istorică a Rumâniei* (Arquivos Históricos da Romênia), tomo II e que o foi inteiramente por Emília Cioran (Bucareste, 1900).

e do romeno em Jassy, era “o homem mais instruído entre todos os príncipes e entre tôdas as pessoas que o patriarca tivera ocasião de conhecer durante uma longa viagem nas regiões européias da comunhão grega” (pág. 28).

Hasdeu considera o príncipe moldavo Constantin Duca (1693-1695 e 1700-1703) como “o mais sábio helenista de seu século”, mas deve haver um erro de nome; deve antes tratar-se de Constantin Maurocordato, que reinou seis vezes entre 1730 e 1743 na Valáquia e quatro vezes entre 1733 e 1769 na Moldávia; foi um dos gregos mais cultos da sua época (92). Hasdeu atribui-lhe a fundação das primeiras escolas nos distritos principais (93), entre as quais era a mais florescente a de Hotin, graças à atividade do bispo Amphiloehus (94), autor duma geografia universal (95), e duma cronologia dos príncipes da Moldavia, ambos escritos em romeno. Êle acrescenta que os cadernos manuscritos dos séculos XV e XVI deixam ver os traços dos profundos conhecimentos que tinham os professores dessa época; nessa ordem de cousas, êle menciona um resumo de história, desde o comêço do mundo, encontrado entre os manuscritos do monge Jeremias e a descrição do direito canônico feita em eslavo litúrgico pelo gramático Damião. Mas antes dêsse código escrito em 1495 em Jassy já existira o *nomocanon* conservado em um manuscrito de 1474, que é uma tradução em eslavo litúrgico, segundo Syntagma (1335) do jurista bizantino M. Vlastares (96).

“Êsses exemplos bastam para demonstrar que nossos avós foram dos primeiros a entrar nos caminhos da civilização; precederam mesmo as nações vizinhas; os progressos não foram resultantes de empréstimo que se fêz ao estrangeiro, menos ainda o efeito da proteção de algum grande potentado; é o espírito de instrução inato dos Moldavos que os fêz entrever de relance a luz” (pág. 29). E Hasdeu afirma que, enquanto na Rússia a impressão dos livros era uma arte ímpia, na Valáquia imprimia-se a Escritura Sagrada: considerada como a edição mais rara e mais antiga da Bíblia na Valáquia é a do Evangelho de Macarice em 1512, vinte e dois anos após o estabelecimento da primeira imprensa em Cracóvia. Ora, o mais antigo traço duma obra impressa na Rússia remonta quando muito a 1564. E êle nos dá a saber que, antes da Reforma se pregava em romeno nas igrejas moldavas; indica-nos em seguida livros impressos em romeno entre 1580 e 1652, e mostra que as traduções

(92). — N. Iorga, *Histoire de l'enseignement*, cit., pág. 77.

(93). — Constantin Maurocordato tinha efetivamente estabelecido escolas de grego e eslavo litúrgico e até de latim e de árabe. *Ibidem*, pág. 78.

(94). — Colson escreve: *Antiphloetius*.

(95). — Compilada da primeira edição romana do Padre Buffier devida ao Padre Francesco Jacquier e publicada em Roma em 1775. A edição romena é de 1795. Ver Cl. Isopescu, *Saggi romeno-italo-ispânic*, Roma, 1943, págs. 46 e segs.

(96). — Ver J. Peretz, *Contribuțiunile la istoria dreptului român* (Contribuições à História do Direito Romeno), Bucareste, 1931.

romenas da Bíblia, desde o século XVI, se baseavam no texto hebraico, ao passo que, na Rússia, só em 1814 se tomou consciência da diferença entre a tradução grega e o original hebraico.

Depois de ter salientado que em Hotin (na Bessarábia) existia desde o século XVII uma boa escola para as línguas árabe e turca, cousa rara mesmo no Ocidente, Hasdeu escreve que “a Rússia mais de uma vez chamou a seu serviço empregados de nossa província, hábeis na administração, bons calígrafos para as “bolas de ouro dos príncipes” (bulles d’or princières), médicos, ministros de culto. Quando o pai de Pedro, o Grande, quis dar leis a seu país, pediu uma cópia de nosso código e de nosso direito consuetudinário na Moldávia, e as leis que êle nos tomara emprestadas receberam o nome de sábias e de cristãs” (pág. 31). E êle ocupa-se de alguns romenos aos quais cabe o mérito de ter introduzido a civilização na Rússia: Pedro Movilă (1597-1647), filho do príncipe moldavo Simeão, que, como metropolita de Kiew e “de tôda a Rússia”, foi o primeiro a fundar uma academia na Rússia, célebre até o século XIX. Todo o mundo sabe que o metropolita Movilă fêz penetrar na Rússia os primeiros raios de cultura latina, que na sua Academia êle introduzira o estudo da língua latina, da retórica, da dialética, da poesia e da filosofia, e que êle é o autor da célebre *Confissão Ortodoxa* (97), que contribuiu para fixar a fé ortodoxa sôbre fórmulas próximas do catolicismo e onde êle se baseia em fontes católicas.

Hasdeu menciona em seguida um sábio religioso Paulo Berendei, neto dum pretendente ao trono moldavo, “conhecido pelo nome de Kcutenski, o primeiro a lançar os fundamentos da lexicografia eslavona (isto é, do eslavo litúrgico), da qual não existia o menor vestígio: é êle o autor do primeiro dicionário eslavão-russo, e publicou em 1627, um *Antologhion* (98). Fala Hasdeu, depois, do sábio poliglota Nicolau Milescu (1636-1708) “historiador estimado de seu tempo que foi enviado da parte de Alexis Nikaelovich como embaixador na China (99) e foi o preceptor do filho de

(97). — A. Malvy e M. Viller, *La Confession orthodoxe de Pierre Moghila, Métropolitte de Kiev (1633-1646), approuvée par les Patriarches grecs du XVII.^e siècle. Texte latin inédit avec introduction et notes critiques*, Roma-Paris, 1927 em *Orientalia Christiana*, tomo X, n.º 39. Sôbre Movila ver Emile Picot, *Pierre Movila (Moghila)*, em E. Legrand, *Bibliographie hellénique*, Paris, 1896, IV, págs. 104-156; P. P. Panaitescu, *L'influence de l'oeuvre de Pierre Mogila, archevêque de Kiev dans les Principautés roumaines*, em *Mélanges de l'Ecole Roumaine en France*, Paris, 1926, onde se encontra a bibliografia completa (a confissão foi traduzida para o Romeno em 1691); Octavian Bârlea, *De Confessione orthodoxa Petri Mohilae*, Frankfurt am Main, 1948.

(98). — Ver B. P. Hasdeu, *Cuvente den Bâtrâni* (Palavras dos Antepassados), Bucareste, 1878, I, págs. 259 e segs..

(99). — A relação de sua viagem foi traduzida para o Inglês por John F. Baddeley, *Russia, Mongolia, China*, Londres, 1919, 2 vols.. Existem dela traduções romenas: a de G. Sion em *Analele Academiei Române, Memoriile Sectsiunii Istorice* (Os Anais da Academia Romena, Memórias da Secção de História), Sec. II, tomo X (1888), págs. 89-181 e a de E. C. Grigoras, *Spatarul Nicolai Milescu în China* (O Spatar Nicolau Milescu na China), Bucareste, 1926.

Alexis, o futuro Pedro, o Grande (100); êsse preceptor, que Pedro tanto amou, teve a arte de inspirar-lhe sentimentos elevados; podemos, pois, citá-lo com orgulho como o mestre que civilizou o herói que começou a grande obra da civilização de seu Império” (pág. 32). Durante sua estada em Estocolmo, Milescu redigiu em 1669, a convite do embaixador da França, Arnaud de Pomponne, uma memória em grego e em latim, destinada aos Jansenistas de Port-Royal, sôbre a fé da Igreja Grega na presença real na Eucaristia, sob o título: *Enchiridion sive Stella Orientalis Occidentalis splendentis, ed est sensus ecclesiae orientalis scilicet graecae, de transubstantiatione Domini aliisque controversiis* (101).

Hasdeu lembra ainda o príncipe Demetrius Cantemir (1673-1723), “conselheiro e favorito do Czar Pedro, primeiro presidente da Academia das Ciências, fundada por êle segundo o plano de Leibnitz; suas obras têm reputação européia” (pág. 32). Cantemir, primeiro romeno a ser membro da Academia de Berlim, sabemoso bem, é o autor da obra fundamental (antes da de J. Hammer) sôbre a história do Império Otomano, traduzida para o inglês em 1734, para o francês em 1743 e para o alemão em 1745 (102). Hasdeu ajunta que Antochius, filho de Demetrius Cantemir, é “o primeiro poeta de seu século e o fundador da poesia russa”, e afirma com orgulho que “todos êsses homens célebres que honraram a humanidade, até Heraskov (103), sábio que não se deve esquecer na história, como fundador da Universidade de Moscou, a Moldávia se orgulha de contá-los no número dos seus filhos:— ela gozou outrora de um grande renome e prestou imensos serviços aos Estados vizinhos, mas as circunstâncias nunca lhe permitiram obter uma independência absoluta (pág. 32).

Insistimos sôbre essa tradução que fêz Colson do discurso de Alexandre Hasdeu, por ser a primeira vez que, graças a Colson, o Ocidente toma conhecimento dos dados positivos sôbre a parte importante, essencial, que tomou o povo romeno na história da cultu-

(100). — Isso é falso. Milescu foi apenas o preceptor do filho de Artemon Matveev, que foi seu chefe no “Conselho Diplomático” (Posolski Pricas). Matveev contribuiu para a renovação da vida russa pelo contacto com a cultura ocidental.

(101). — Em A. Arnauld e P. Nicole, *La perpétuité de la Foy de l'Eglise Catholique touchant l'Eucharistic, défendue contre le livre du sieur Claude*, Paris, 1669, cap. IV. Sôbre Milescu ver P. P. Panaitescu, *Nicolas Spathar Milescu (1638-1708) em Mélanges de l'Ecole Roumaine en France*, Paris, 1925; C. J. Karadja, *Nouveaux détails sur le Spathar N. Milescu em Revue historique du Sud-est européen*, I (1924).

(102). — Sôbre suas outras obras conhecidas no estrangeiro ver Cl. Isopescu, *Renseignements*, cit. pág. VIII. Sôbre Cantemir, ver J. Minea, *Despre Dimitrie Cantemir, omul, scriitorul, domnitorul (A propôzito de D. Cantemir — o homem, o escritor, o soberano)*, Iasi, 1926.

(103). — Colson escreve Hérasthof. Heraskov ou Cheraskov, em romeno Herescu, foi também o iniciador do teatro russo. Sôbre os Romanos e a civilização russa, ver também N. Iorga, *Histoire des Relations russo-roumaines*, Jassy, 1917.

ra e da civilização da Rússia e no processo de sua modernização (104).

Colson chega em seguida à Valáquia e a seu passado. Lembra que em mosteiros se conservaram preciosas obras da antiguidade: os Romanos cultivaram sempre as línguas cultas e sobretudo as do Oriente, visto que “os homens de gênio, os verdadeiros discípulos das artes e das ciências são raros nos séculos de infelicidade”; tiveram um grande número de heróis “cuja fama é do domínio da história”. Mas em vez de indicá-los êle próprio, Colson serve-se da “mise en scène” da poesia, que melhor que tudo pode fazer apreciar seu mérito”, e para isso dá a tradução livre duma passagem dum poema muito estimado na Valáquia, diz êle, mas cujo título e autor êle deixa de dar. Trata-se do poema *O noapte pe ruinele Târgovistii* (Uma noite sôbre as ruínas de Târgovista) de Heliade Radulescu, considerado por seu autor como o manifesto da luta nacional (105); Colson omite os quadros do início e do fim do poema — nos quais se encontra uma bela descrição (106) lamartiniãna, e até um pouco baironiana, da noite, e da vida das ruínas —, e passa diretamente à propria meditação do poema com a invocação religiosa das sombras dos heróis. Como a literatura romena é ainda “a less known literature” e como a tradução de Colson, muito livre e incompleta, é a primeira tradução de uma poesia de J. Heliade Radulescu no estrangeiro, reproduzi-la-emos integralmente com as suas poucas palavras de apresentação:

“No meio das trevas da noite, o poeta se senta sôbre as ruínas de Tergovitz (isto é, Târgovista), antiga capital do principado; invoca os heróis que a habitaram e defenderam sucessivamente, e os propõe por modelos a seus descendentes.

Uma Noite sôbre as Ruínas de Tergovitz (sic)

“Sombras de nossos avós, não venho perturbar vossas cinzas; minhas mãos não estão armadas da espada que foi tantas vezes o vingador da Valáquia, agora colocada sôbre vosso ataúde; venho, na calma das noites, tecer grinaldas de louros para ornar

(104). — Cumpre assinalar igualmente a existência duma rica contribuição cultural romena para o eslavo litúrgico e para o grego, ao passo que os Romanos deram à Hungria — além do rei civilizador, Mathias Corvin — o grande humanista Nicolaus Olahus. Sôbre êste ver Cl. Isopescu, *Renseignements*, cit. pág. 4.

(105). — J. Heliade Radulescu, *Memoire sur l'histoire de la régénération roumaine et sur les événements de 1848 accomplis en Valachie*, Paris, 1851, pág. XIII. P. Bolintineano (*Les Principautés roumaines*, Paris, 1854, pág. 51) diz que o poema está escrito “em belos versos”.

(106). — N. A. Apostolesco, *L'influence des romantiques français sur la poésie roumaine*. Avec une préface de M. Emile Faguet, Paris, 1909, págs. 70—72 e 78-79, vê aí uma influência de Ischia de Lamartine, de *La Prière du soir* de G. de Mancy e de *Le Soir* de P. Hédouin: fontes de inspiração para telas, mas não para uma meditação sôbre as ruínas.

vossos túmulos, e narro aos vossos filhos exaltados pela vossa glória, as façanhas que fizeram vossa fama" (107).

Estas planícies lembraram-me vossos triunfos, estes montes ainda falam de vossas vitórias e o riacho não cessa de dizer-me que suas ondas foram tintas do sangue de nossos inimigos. Vejo-os diante de mim, esses heróis de Câmpulung, de Argesh, de Bucareste, de Jassy, desde Trajano e Negru, (108) até estes dias terríveis em que se apagaram os vestígios de nossa grandeza. A voz de Radu Negru ressoa além dessas montanhas, todos os Romanos acorrem para ajudá-lo a reconquistar o trono de seus pais, e juram vencer ou morrer.

"Mircea (109) reuniu suas falanges guerreiras, sua palavra se fez ouvir, e Murad vencido retira-se humilhado. A Valáquia está livre do Cárpatos ao Istro. O Danúbio, testemunha dessa luta gloriosa, creu ver os Romanos renascer sobre suas margens, e o Balkan viu fugirem os filhos do crescente há pouco tão envaidecidos. Estêvão, esse herói da Moldávia, digno émulo dos valentes, é um dos primeiros capitães de seu século; vingou seu país, e os tiranos sucumbem por sua vez.

"Niamtz afigura-se-me nestes muros como aquela mãe lacedemônia que chama seu filho para o combate e o exorta a voltar com ou sobre seu escudo. Lá flutuam, vitoriosos e livres, os estandartes de Michel, o bravo dos bravos. A seus passos triunfantes acorrem esses guerreiros, verdadeiros filhos do Capitólio. Bouzechtî (110) inspira terror aos Tártaros; a seus pés o orgulhoso Khan morde o pó. Kalophiresk marcha em seu encaço e colhe nos campos da honra seus mais belos louros.

"O altar rui por terra aos golpes repetidos; mas, armando-se com a cruz, o sinal do triunfo, Farkash reanima a coragem do exército, e torna-se o braço vingador que o próprio Deus sustenta. O Danúbio traga essas hordas dos Otomanos, e o Valáquio, ao pé da cruz, eleva um estandarte por muito tempo ultrajado. A águia romana estende o vôo além desses montes, que lhe ficam submissos; elaorna de louros sua dupla cabeça, e nada mais põe limites a seu vôo imperioso.

"Edifícios pomposos que os nossos antepassados elevaram, ó torre donde tantas vezes se viu a vitória coroar seus feitos, que eloqüência não têm para mim vossos antigos escombros! O musgo verdejante, esse granito quebrado, o arbusto que geme ao sopro do vento que o balança, falam-me de glória e de liberdade. Essas lembranças confusas duma antiga natureza, o surdo gemido dos ventos, ó heróis, são vossos nomes que o rio do tempo repete nesses velhos monumentos (pág. 33-35).

O escritor francês limita-se a essa parte do poema, que exprime o desejo do renascimento e excita à luta para a independência.

(107). — Para se fazer um juízo da tradução de Colson, convém ter diante dos olhos uma tradução literal dessas três estrofes. É o que damos abaixo:

(1) "Ó sombras, não vim perturbar a vossa paz; / meu ser vaga errante entre vós; / também eu, na vossa morada encontro o meu repouso: / eu também sou uma sombra submetida às necessidades."

(2) "Sou vosso sangue; meu braço não se arma / com as armas famosas que manejaestes; / minha musa procura a sombra de vossos feitos / e vossa memória, na medida em que isso se me concede."

(3) "No coração da noite venho cantar vossas vitórias; / sobre vossos túmulos venho tecer lauréis; / são vossas vitórias, vossas proezas, vossos desejos belicosos / que eu apresento ao mundo, que eu transmito a vossos filhos."

(108). — Negru-Vodã, o lendário fundador da Valáquia.

(109). — Colson escreve *Mitschéé*.

(110). — Colson escreve *Bouzezeek*.

A meditação é dominada pelo tema poético das ruínas (111) que na literatura romena dessa época se deve à influência de C. Fr. Chasseboeuf-Volney, cuja obra, *Les ruines ou Méditations sur les révolutions des empires* (1791), era conhecida na Romênia desde 1797 e fôra traduzida na Moldávia por J. Tăutu e na Valáquia por Stanciu Căpătineanu (112). Não se pode negar a influência certa de Lamartine, nem a de Volney (113); entretanto, ao contrário de Volney, o tema desse poema não é a vaidade de tôdas as cousas, mas a certeza dum futuro melhor.

Nesse capítulo, que trata das “Classes privilegiadas da sociedade valáquia”, Colson diz que à chegada do príncipe Gregório Ghica em 1822, tendo sido abandonado o grego moderno, realizara a língua nacional uma revolução importante no sistema de instrução: os primeiros jovens boiardos enviados a Paris para ali terminarem seus estudos contribuíram sem dúvida apenas para a adoção da língua e da moda francesas, mas seus sucessores forneceram a seu país “homens de uma utilidade especial”. Cumpre ligar muita importância à seguinte afirmação de nosso autor: “A mocidade que permaneceu na Valáquia contribuiu quase sôzinha para o progresso... Sua influência já se fêz sentir nos negócios do país; mas os progressos são lentos (pág. 157).

Colson consagra a seguir dois capítulos à literatura (114) dos dois principados: procura uma explicação para o fato de que ela seja tão pouco viva, e encontra-a na instituição da censura russa, “que é mais severa na Moldávia do que na Rússia”; cita o exemplo dum jornalista ameaçado de exílio por ter feito o elogio da obra de P. Urquhart (115) e por ter citado o célebre verso: “A tous les coeurs bien nés que la patrie est chère!”, e a supressão da folha literária *A Harpa Moldava* (116), por causa de um artigo *A Filosofia do Whist* (jôgo de cartas), onde se afirmava que um diplomata russo devia bem conhecer êsse jôgo.

O teatro moldavo, diz êle mais adiante, está relegado à província e pouco encorajado, ao passo que o teatro francês é “bem bom e até está na moda” (pág. 174). Colson menciona a seguir, sem reproduzi-la, a lista das obras de literatura francesa traduzidas para o romeno pelo poeta Asachi na sua relação histórica sô-

(111). — Esse tema tem sido ainda pouco estudado pela poesia romena. D. Popovici em J. Eliade Radulescu, *Opere*, Bucareste, 1939, I, págs. 573-580, dêie fornece uma rica bibliografia.

(112). — G. Bogdan-Duică, *Istoria Literaturii române moderne. Intâii Poetsi Muteni*, (História da Literatura Romena Moderna. Os primeiros poetas muntenos). Cluj, 1923, pág. 156.

(113). — *Ibidem*, pág. 158.

(114). — Colson, *op. cit.*, págs. 173-179. Dessas páginas se ocuparam em algumas linhas V. V. Hanes, *op. cit.*, págs. 189-190 e N. Iorga, *Ist. Rom. prin călători*, já citada, III, pág. 194.

(115). — *La Turquie, ses ressources, son organisation municipale, son commerce*. Suisvis de considérations sur l'état du commerce anglais dans le Levant. Traduit de l'anglais par Xav. Raymond. Paris, 1836, 2 vols.

(116). — *Alăuta Românească* (O alăute romeno), primeira em data das revistas literárias na Moldávia. — Sobre essa revista ver N. Cartoian, *Alăuta Românească* em “Omăgiu lui J. Bianu” (Homenagem a J. Bianu), Bucareste, 1927.

bre as escolas da Moldávia (1838), o resumo de história universal (1837) de G. Săulescu e a História natural (1837) do Dr. J. Ch. Cihac (117), e livros didáticos que se devem a Asachi. Com referência aos literatos mais distintos, êle cita Negruzzi, "autor dum episódio épico sôbre o reino de Estêvão o Grande (118), de diversas novelas nacionais (119) encantadoras"; A. Hrisoverghi "morto em 1836, conhecido pelas suas poesias e sobretudo por sua bela ode sôbre as ruínas da fortaleza de Neamtz" (pag. 174) (120), o juriconsulto de Estado Damasceno Bojinca "autor das *Antigüidades Romanas* e do *Manual das Leis de Justiniano*", depois George Crupenski, "famoso por seu talento poético", mas hoje desconhecido, e, a seguir, M. Kogălniceanu autor duma *Histoire de la Valachie et de la Moldavie*, que não se limita à biografia dos príncipes, mas faz conhecer também as instituições, a administração, os costumes, em fim a vida dos antigos moldo-valáquios. Kogălniceanu é um moço de 24 anos que inspira as mais belas esperanças; é o secretário particular do príncipe, e sua obra merece menção especial. A *Histoire de la Valachie, de la Moldavie et des Valaques Transdubiens* está escrita em francês e foi impressa em Berlim em 1837; vai até o tratado de Jassy, 1791; a Rússia não lhe permitiu ir além" (pág. 175). Após essa justa intuição êle deplora na obra histórica "baixas adulações à Rússia do Czar, tão contrárias à verdade quanto à moral", mas é bom notar que o autor francês podia exprimir livremente seus sentimentos e suas convicções, ao passo que Kogălniceanu, "jovem militar estudiosíssimo", estava sujeito aos obstáculos que impediam uma evolução literária normal.

No capítulo consagrado à Valáquia, Colson fala primeiramente do teatro; as peças francesas eram acolhidas por salvas de palmas e por essa razão postas no índice. "Os Valáquios provaram claramente aos homens do poder qual é a sua estofa e que seu coração palpita aos sentimentos de liberdade". Mas subvencionava-se o teatro alemão de Bucareste, que era uma "amostra dum teatro de segunda ordem na Rússia". Colson descreve em seguida a fundação da *Sociedade Filarmônica* e o sucesso inesperado que obteve a peça *Mahomet* representada após 18 meses de estudo; mas logo *Mahomet* foi proibido "não pelos princípios semeados na tragédia, mas porque era uma peça escrita na Valáquia, montada e representada por indígenas" (pág. 178).

(117). — Este publicou em Friburgo, em 1838, *Bericht über die Fortschritte der Civilisation in dem Fürstenthume Moldau* (Relação sôbre o Progresso da Civilização no Principado da Moldávia), que não nos foi possível consultar.

(118). — *Aprodul Purice* (O "Aprod" Purice), 1837, onde se nota a influência de Vitor Hugo.

(119). — Com a novela *Alexandru Lapuseanu*, êle criou a novela romena (1840). Ver um fragmento traduzido para o francês em V. Alexandri, *Les Doimas*, Paris, 1855, págs. 129-762 e a tradução italiana feita por M. Bulciolu (Lanciano, Carabba, 1931).

(120). — Inspirada por Cărlöva. No Volume "Poezii" (1843) há também traduções de A. Chénier, Schiller, Victor Hugo, Lamartine, mas em 1837 já se tinha publicado sua tradução de "Antoni" por A. Dumas com um prefácio de C. Negruzzi.

Mais de 80 peças (121) foram traduzidas sucessivamente, e nas reuniões da Sociedade fêz-se a leitura das primeiras e únicas peças originais sôbre assuntos nacionais — *Miguel o Grande* e os *Doze Boiardos*. Mas o governo, intimidado por êsses progressos tão rápidos, resolveu sufocá-los. “Eis como êle agiu: fingindo interessar-se no desenvolvimento dessa instituição, mostrou o desejo de fazer sacrifícios para seu êxito, tomou-a a seu cargo; mas confiou sua direção a homens seus. Para dar o golpe, começou sua gestão pela primeira representação do *Saul* de Alfieri, traduzido por M. Aristias: o concurso foi imenso, a receita foi boa; mas no dia seguinte o teatro estava fechado; os diretores tinham falido” (pág. 179).

O povo romeno, “desviado de sua verdadeira civilização havia mais de três séculos” lutava sob dificuldades imensas, e Colson paga seu tributo de admiração aos poetas dessa novel literatura, entre os quais êle destaca especialmente Jancu Văcărescu, cujas elegias e cujo poema *Primăvara amorului* (a Primavera do Amor) — onde há o primeiro quadro (fr. “pastel”) e, pela primeira vez na Valáquia, o tema poético das ruínas — que êle aprecia “pela naturalidade, pela correção e pela graça”; depois menciona Heliade Rădulescu, a quem se devem “odes, canções, fábulas, peças fugitivas; infatigável, enquanto se devotava à poesia popular, se imitava Ossian, se traduzia algumas tragédias de Voltaire”; êle acusa “o cantor das *Ruínas de Tărgowist*, o autor do *Sonho* e da *Ode ao Pavilhão Grego*... de publicar jornais e panfletos hostis à regeneração da pátria”, acusação que ficou evidenciado ser sem fundamento (122).

Colson ocupa-se a seguir de Vasile Cârlova, falecido aos 22 anos, autor de certas poesias, “entre outras uma ode à milícia Valáquia, *A Marcha*, que trazem o cunho do gênio” (pág. 180). Como êle tinha já tratado de uma poesia sôbre ruínas, não quis traduzir a de Cârlova inspirada por Volney e rica de imagens poéticas surpreendentes, que mesmo diante das peças análogas de Lamartine, de Byron, etc., revelam uma poderosa imaginação criadora; e êle fornece a tradução livre de *la Marche*, ode que exalta o heroísmo romeno e sintetiza a fé segura no renascimento da pátria.

Sabe-se que em *Păstorul Întristat* (o Pastor Entristecido) inspirado por Florian, Vasile Cârlova criou em 1827, com a idade de 18 anos, “a língua literária romena dos sentimentos e das imagens poéticas” (123), e isso antes da publicação por Heliade Rădulescu das traduções de Lamartine, que deviam despertar o novo sôpro poético. Cârlova devia sofrer a seguir a influência de Lamartine e de Volney; só *A Marcha*, escrita em 1830, é ainda “plenamente

(121). — O poeta C. Bolliac fala, numa carta dirigida a C. Negruzzi, de 90 peças “escritas e traduzidas”. Ver *Converbiri Literare (Palestras literárias)*, XII.

(122). — G. Bogdan-Duică, *Istoria literaturii române moderne*, Cluj, 1923, págs. 129 e segs.

(123). — G. Bogdan-Duică, *op. cit.*, pág. 232.

independente” (124). Por êsse motivo, e por causa do alto valor da tradução livre feita por Colson, vamos reproduzi-la integralmente:

“Meus irmãos, bravos guerreiros, dai ouvidos à voz de vossa mãe-pátria. Chegou a hora em que cada um deve abraçar as armas, gritando todos a uma voz: Acorramos, acorramos, trabalhemos para a felicidade de nossa mãe.

“O céu vos abre uma carreira gloriosa para percorrerdes: lembrai-vos, ó filhos, que a Europa inteira olha com simpatia a liça na qual acabais de entrar.

“Despertai ao grito da pátria, que vos diz com uma voz retumbante: Lançai aos pés a preguiça vergonhosa; levantai-vos e dai-vos as mãos.

“Que a arma há muito escondida sob o túmulo e coberta de ferrugem reapareça enfim branca e reluzente sôbre a terra, e enrijeça vossos braços. Que a mocidade, ardendo de amor à glória, sôbre essa arma faça seu juramento.

“Todos vós já vos humilhastes por muito tempo; por muito tempo dormistes um sono profundo nos braços da moleza. Forçada ou espontâneamente a sorte enfim acaba de vos deixar livres.

“Vêde: a glória parece sorrir-vos; seguis por caminhos que a ela vos conduzem e cada um dos raios de sua auréola impetrável vem brilhar sôbre vossas frentes moças. Ah! correi, voai às armas; a águia acaba de levantar o voo.

“Com sua asa ela vos faz sinal e vos diz que a partir dêste dia podeis ousar honrar-vos com o nome de Nação. Avante, avançai para colher os louros.

“Nessa via sagrada enfrentai todos os sofrimentos: que a vitória vos siga os passos, e clamai todos a uma voz: Estejam sempre entre nós glória, amor, união!

“Que o inimigo baixe a frente, empalidecendo-se diante de vós; que para obter a vida êle reconheça sua fraqueza; que vosso braço invencível não pese então sôbre o fraco.

“O valor e a clemência ainda são hereditários neste país. Corre em nossas veias o nobre sangue de nossos antepassados; êsse sangue, que jãmais deixou de mostrar-se na hora oportuna, para provar ao mundo que êle, como um dom celeste, não pode perecer.

“Eh! Até quando reinará, sôbre as planícies da Valáquia, êsse silêncio preguiçoso? Coberta de armas, não gerará ela aos passos dos seus filhos belicosos, e não se verão mais em seu solo os seus bravos filhos cerrar fileiras em seus batalhões!

“Aqui, outrora, foi a escola da vitória; aqui as ruínas dos monumentos da glória, ainda de pé, atestam sua grandeza. É chegado o dia em que a glória de nossos avós encherá o mundo de seu nome.

“Vosso brado: As armas! despertou os mortos em seus túmulos e movimentou suas cinzas; sua sombra, muda e invisível, contempla com prazer o estandarte que flutua nos ares.

“Que doce espetáculo! O vento enche nossos pavilhões, as armas por tôda parte reluzem; a glória sai do túmulo e a juventude valáquia, ousada e altiva, parece que apenas toca a terra com seus passos ligeiros.

"Brota uma lágrima de alegria!... Ah! ela escorre em minha face! Desde quantos séculos não ousaste mais correr em seu seio, ó lágrima bendita! Vê, a arma segue, sorri a glória, o estandarte da liberdade está arvorado!" (págs. 181-184).

Colson volta-se depois com a mesma compreensão poética para Grigoire Alexandrescu, "poeta de verdadeiro talento, que traduziu em versos *Aizire* e *Mérove* (125); notabilizou-se na fábula poética. Compôs destas algumas muito engenhosas" (pág. 184). Esse juízo ainda moderado corresponde à opinião que durante muito tempo se teve de Alexandrescu. Mas, após o último livro do poeta (1838), nossa crítica o colocava no primeiro lugar; com efeito, Alexandrescu, por sua forte originalidade lírica, é hoje reconhecido como o maior poeta romântico anterior a Eminescu. Para dar a conhecer o novo caráter da poesia romena, Colson traduz a poesia *A Lâmpada* (126), rica em reminiscências lamartinianas. Ali se encontra uma expressão tão bela de seu pensamento e de seu sentimento religioso que julgamos conveniente reproduzir abaixo, integralmente, a tradução de Colson: é a primeira poesia religiosa a ser traduzida em uma língua ocidental.

"A noite é sombria; nenhum ruído interrompe o silêncio profundo. Nuvens espessas cobrem o firmamento e escondem aos olhos a vista dessa multidão inumerável de estrelas cintilantes de luz e de beleza que esmaltam o azul das planícies celestes.

"Brilha apenas, diante da imagem do Eterno, pálido e suave, o clarão religioso duma lâmpada que a fé acendeu. Emblema de bondade, raio consolador, ela parece receber nossas preces para levá-las aos pés do senhor do Universo.

"Nesses instantes em que a alma se recolhe, em que o homem mergulha em sua consciência, é que eu venho também confiar minhas dores a sua luz fraternal como a um ser que sabe simpatizar conosco.

"Quantos tormentos escondidos, quantas lágrimas derramadas a tiveram por testemunha! Quantos votos humildes, jamais atendidos, não escondi ao mundo, confiando-os apenas a ela!

"Assim como outrora, a vida não é menos triste. Puseram algum dia os tiranos limites à sua crueldade? Os séculos são disso testemunha, e os tempos que já não existem mostram-nos tantos infortunados.

"Mas o próprio infortúnio não é de duração eterna. Fraco ou poderoso, o homem é como o jornaleiro que espera o seu salário no fim do dia; assim como os pobres, os reis também morrem.

"Deus, morto na cruz para a salvação dos homens, êle, cuja morte foi um exemplo ameaçador da injustiça, diz-me que dia virá em que opressor e oprimido comparecerão igualmente diante de seu terrível tribunal.

(125). — A tradução de *Mérove* só foi publicada em 1847. Alexandrescu tinha publicado em 1833 a tradução de *Eliézer et Nephtali*, de Florian.

(126). — Poderia ter traduzido *Bugăciune*, que é a mais bela oração romena antes de Eminescu.

"Então esse cristão — que, a cabeça coberta de cinzas, mas o veneno nos lábios e o ferro na mão, tem ares de humildade para melhor enganar — esse hipócrita, esse santo homicida, ah! como há de ele suportar a vista da glória divina, quando a um único sinal do Eterno os céus se abalarem em seus polos?!"

"Mas o profundo silêncio da natureza cessou; os sons religiosos do sino vibrando nos ares convidam à oração os fiéis, cujas pálpebras ainda estão pesadas de sono.

"E as trevas da noite, semelhantes ao moribundo em agonia, dissipam-se, lenta e gradualmente, e vão perder-se, pálidas, diante dos primeiros raios da aurora.

"O magnífico quadro das maravilhas da criação desenrola-se a meus olhos; a fé acorda no homem desviado, e de tantos e tão diversos hinos eleva-se o hino da natureza para Aquêle que, depois do noite, nos dá também o dia.

"E tu, lâmpada sagrada, tu, cuja vista acorda em mim a lembrança de tantas ilusões, tu me serás sempre um raio consolador; só tu há de saber minhas ações e meus pensamentos.

"A ti acorrerei quando a mão da sorte ou a dos homens cair pesada sobre mim. Assim também o navegante, quando rugo o mar, acorre para a praia que muitas vezes lhe serviu de asilo contra o furor das ondas" (págs. 184-187).

Entre os novos valores poéticos que Colson deseja tornar conhecidos, menciona éle Cezar Boliac, autor de um volume de *Meditações* (1835) (127) "que se distinguem pela elevação das idéias, algumas das quais lhe atraíram por um momento a má vontade do governo, que não só acalenta a rivalidade e o ciúme entre esses moços, em vez de encorajá-los, mas também procura reprimir seu arroubo e parece desejar convencê-los de que o primeiro mérito do poeta consiste em fazer odes em honra dos Russos ou do príncipe reinante" (pág. 187). Mas Boliac introduz na poesia romena a nota social (128), e nesse gênero éle atinge a uma certa originalidade. Nosso crítico ocupa-se, depois, da "grande obra", *A História da Valáquia*, em três volumes (1835-1838) do professor Aaron Florian, que não foi continuada por falta de recursos, e que merecia ter tido o encorajamento da parte dos poderes públicos; depois, ocupa-se de Aristia, tradutor da *Ilíada* em versos (1829) e também de *Virgínia* (1835) e do *Saúl* (1836) de Alfieri; cita enfim o major Voinescu, autor duma "tradução apreciada de algumas peças de teatro" sobretudo de Molière.

Colson acha os jornais inteiramente antiquados e sem nenhuma influência sobre o espirito público, mas "podem ainda servir

(127). — Elas traem um certo interesse de Boliac pelas *Paroles d'un croyant* de Lammenais.

(128). — Essa é a nota que parece dominante na *Elegia scrisă pe tsinterimca unui sat* (Elegia escrita num Cemitério de Aldeia), poesia imitada por G. Asachi, segundo "Elegy written in a country church-yard (1751) de T. Gray e em *Epistola Familiară* de Gr. Alexandrescu, que a bebera na poesia francesa. Sobre essa tendência literária ver H. A. Neeúham, *Le développement de l'esthétique sociologique en France et en Angleterre au XIX.^e siècle*, Paris, 1926. Sobre Boliac ver D. D. Popovici, *Cezar Boliac: romantism și socialism în definiția poeziei* (O Romantismo e o Socialismo na Definição da Poesia) em *Cercetări de literatură română*, Sibiu, 1944. (Estudos de Literatura Romena).

para propagar o gôsto da leitura na classe intermediária” (pág. 189). Apenas jornais estrangeiros têm influência na opinião: êles comunicaram energia aos patriotas, desde que se ficou sabendo que a Europa olhava com interêsse a situação romena. Sòmente o *Nacional* tem uma boa correspondência de Bucareste: é a de Colson.

E eis a sua conclusão: “A literatura valáquia está na sua aúrorã, e por conseguinte limita-se à poesia, mas essa poesia não tem nenhum caráter de originalidade. Ligeira, sensual e algumas vêzes cética, ela é o reflexo das obras de Byron ou de Voltaire, das *Noites* de Young, dos dramas de Vitor Hugo. A cesura e a forma são imitadas, mas falta inspiração à maioria dos jovens literatos. Êstes dão mesmo um rumo falso às idéias valáquias, adotando os vícios da escola romântica. Êsses moços, que conhecem muito bem o grego, e cuja língua é românica, não aprendem o latim, de que êles teriam necessidade para formar sua língua materna. M. Vaillant, francês illustre, elabora uma obra sôbre a literatura e a língua valáquias. Quando essa publicação vir a luz (129), saber-se-á melhor apreciar na Europa o progresso intellectual que terá feito o principado, apesar de seu príncipe e dos Russos” (pág. 188).

Há, como se poderá notar fãcilmente, uma certa contradição entre essas afirmações e as anteriores. Depois, com respeito a influências, êle esquece Boileau, Rousseau, Volney, Parny, Metastasio, Delavigne e sobretudo Lamartine, que para os Romenos era “a literatura européia” (130). Nessa fase da literatura, que é uma literatura de combate visando a reforçar o sentimento nacional, é verdade que os poetas imitaram; mas as influências que êles sofreram confundem-se de tal modo com o despertar de sua própria originalidade que nem sempre é fãcil discerni-las. Sem dúvida, Colson tem razão de ressaltar a falta de cultura clássica latina; mas êle o faz porque é inimigo da escola romântica, de que eram discípulos fervorosos os poetas romenos. Compreende-se agora por que êle censura sua falta de inspiração. Mas, se se examinassem algumas dessas poesias, levando em conta seu valor musical e auditivo, encontrar-se-iam nelas muitas vêzes um real poder de expressão, metáforas poéticas e originaes, e, com relação à literatura precedente, um progresso importantíssimo, que devia continuar, apesar dos entraves colocados em seu caminho.

Diferentemente de Kogălniceanu, Colson encara as duas fases recentes da literatura romena, a de Cârlova e de Alexandrescu sem ocupar-se da Transilvânia; e, se êle esquece Asachi, tem contudo o mérito de ter dado nesse primeiro apanhado francês a primeira tradução de três poesias romenas, cuja escolha prova o interêsse com o qual êle seguia a evolução da alma romena refletida na poesia. Até certo ponto as perspectivas de Kogălniceanu e

(129). — J. A. Vaillant (*La Roumanie*, Paris, 1844) consagrou boas páginas (págs. 159-222) à literatura romena.

(130). — G. Bogdan-Duică, *op. cit.*, pág. 122.

de Colson se completam, e nós temos desta maneira uma visão bem mais vasta do ponto de vista da literatura comparada.

*
* * *

O diplomata Eduardo Thouvenel (1818-1866) — que na qualidade de embaixador de Napoleão III devia favorecer a união dos principados danubianos e, mais tarde, da unidade italiana; sendo ministro das relações exteriores (131) — tinha publicado suas impressões de viagem na Valáquia sob o título *La Valachie en 1839* (132). Mas aí muito pouco se encontra sobre a literatura. Passando pela Transilvânia, êle ouve falar em Mehadia, “de Paris, de nossas modas, de nossos romances... eu cria estar em Bagnères de Brigorre” (pág. 480). Em Bucareste êle surpreende-se, ao perceber a grande penetração francesa: “Um Francês é recebido em Bucareste como um amigo, como um compatriota, e, muitas vezes, com efeito, num salão onde se conversa em nossa língua, onde se fala de nós, de nossa literatura, de Paris, — êsse grande foco que irradia luz sobre a Europa — a gente se pergunta se realmente a Valáquia está separada por tantos países em que os costumes e as idéias francesas exercem menor influência” (pág. 485).

Um mês antes atores franceses ali tinham representado *Le Mariage de raison*, e outros *vaudevilles*, e, no teatro em que êle ouviu um concerto de Paulo Cervati e de Mme. Wis, quase tôda a conversação se fazia em francês. No ensino secundário o francês é a base da instrução, tôda a classe dirigente toma para seus filhos professôres franceses e cêrca de trinta Valáquios seguem os cursos da Universidade de Paris. Assim crescia a influência benéfica da França (133).

As informações literárias do príncipe russo Anatole Demidoff (1812-1870) (134), que devia mais tarde desposar Matilde Bonaparte, não são mais abundantes. Na sua obra, *Voyage dans la Russie méridionale et la Crimée par la Hongrie, la Valachie et la Moldavie*, composta em 1837 (Paris, 1840), êle fala da biblioteca pública que compreendia cêrca de mil volumes; do teatro onde se representaram “algumas cenas da *Semiramis* e uma comédia alemã muito engraçada *Flegme et Ruse*” (pág. 140); “o código de comer-

(131). — *Grand Dictionnaire Universel du XIX.^e siècle*, Paris, 1876, t. XV, pág. 163.

(132). — *Revue des Deux Mondes*, 1839, tomo VI, págs. 474-500. Ver N. Iorga, op. cit., págs. 153-157, e V. V. Hanes, op. cit., I, págs. 114-119.

(133). — Em seu volume *La Hongrie et la Valachie*, Paris, 1840, pág. 225 (nota), Thouvenel conhece os nomes de Văcărescu, Heliade e Kogălniceanu. Pôde consignar o fato de que o diretor das prisões, Florescu, tinha meditado sobre o belo livro de A. de Tocqueville e Beaumont sobre a democracia na América.

(134). — Demidoff teve somente a direção da viagem: os franceses de Sainson e du Ponceau dela fizeram a descrição. As páginas sobre a Valáquia e a Moldávia foram traduzidas para o romeno, comentadas e retificadas por Kogălniceanu (*In Banat, Valahia si Moldavia*). Sobre êsse livro, ver N. Iorga, op. cit., págs. 157-165 e V. V. Hanes, op. cit., págs. 31-35. Essa obra foi traduzida para o holandês (1840), para o italiano (1841), para o alemão (1854), para o inglês (1853 e 1855), para o espanhol (1855).

cio e o código criminal francês (salvo as modificações exigidas pela situação política e geográfica do país) estavam sendo naquele momento submetidos à adoção da assembléia geral” (pág. 164). Demidoff cita os jornais de Bucareste — *Le Musée National* e *Le Courrier Valaque* — e indica uma livraria e um gabinete francês de leitura em Jassy (pág. 207).

O inglês A. Bruce-White, na sua *Histoire des langues romanes et de leur littérature depuis leur origine jusqu'au XIV^e siècle* (Paris, 1841) (135) tinha conhecido “cantos de velhos” e outras produções populares romenas e escreve que, lendo-as, “crer-nos-íamos transportados para esses tempos recuados em que as línguas se compunham de apenas um pequeno número de elementos simples e apresentavam isoladamente os materiais que, num grau superior do seu desenvolvimento, foram combinados em um sistema sintético, e receberam flexões nos quadros artificiais da declinação e da conjugação” (pág. 219). Reproduz em seguida, em romeno, na sua bela tradução em versos ingleses e na tradução francesa de Eichhof a poesia popular bem conhecida *Amărăta turturică* (a rola aflita), cujo tema (136) é um motivo amoroso do folclore mundial. Como se trata duma variante que talvez não tenha sido publicada (137) e certamente da primeira tradução em versos ingleses duma poesia romena, reproduzi-la-emos com a tradução (138) em prosa:

The female dove
Reft of her love,
When all alone
She makes her moan,
And peeping round perceives him not,
Like a sad widow wails her lot.

(135). — Sobre a filologia romena, ver Cl. Isopescu, *Filologia romena*, cit., págs. 13-15 e *Saggi romeno-italo-ispatici*, (n.º II da “Piccola Biblioteca Romena a cura di Cláudio Isopescu”, Roma, 1943, págs. 238-243.

(136). — Encontra-se em *Evangelia învătaoare*, 1641, pág. 182. A poesia foi comunicada a Bruce-White por Vater, que continuou o *Mithridates* de Adelung. Foi reproduzida em romeno por J. G. Isola, professor de Filologia Românica na Itália. Ver M. Ruffini em “Rassegna italo-romena”, Milão, 1942.

(137). — Não nos foi possível estabelecê-lo absolutamente. Nessa poesia se inspirou uma peça conhecidíssima de Jenăchită Văcărescu. Sobre esse tema poético, ver B. P. Hasdeu, *Curvenle den bătrâni* (Palavras dos Antigos), Bucareste, 1879, II, págs. 442-445 e 728-730; D. Găzdaru, *Originea și răspândirea motivului “amărăta turturică” în literatura romanică (A origem e a divulgação do tema “a rola aflita” nas literaturas românicas)*, Jassi, 1931, onde não se menciona a bela tradução inglesa.

(138). — A rola que perdeu o esposo, sôzinha a gemer, estende o olhar em tórno, e, não o vendo mais, chora o seu destino, como uma viúva inconsolável.

Entretanto, a vida tem suas necessidades e as rolas precisam de comer; mas ela desesperada despreza todos esses cuidados. Privada de seus amores, definha a cada dia, da manhã à noite e da noite ao amanhecer.

Se aos olhos lhe surge algum caçador, ela não foge, mas voa à sua vista, para que ele solte a flecha e a infortunada caia a seus pés.

Não se empoleira jamais numa árvore para abrigar-se à sombra de suas folhas; se para ali voa, deixa-se ficar exposta. Se perto dela brilha uma fonte límpida, ela turva-a, suja a água e bebe. Ora bem! Ai está apenas uma rola que chora a perda de seus amores.

Mas eu, que sou um homem, choro muitas vezes e maldigo a sorte, porque não tenho nada, não tenho nem vintém.

Yet life hath need,
And doves must feed,
But she desponding takes no need,
Puling and crost,
For her partner lost,
All day she weeps and pines forlorn
From morn to night, from night to morn.

If there appear
A sportman near,
She seeks not flight,
But in his sight
Flutters, that he may strike the blow,
Till at his feet the wretch lie low.

On shelving tree
ne'er percheth she;
If there she flits,
Expos'd she sits.
If limpid stream
Aside her gleam,
She troubles it,
Remuddles it,
And drinks — Well! This is but a dove
Still wretched for her absent love.

But I who am a living wight,
Often lament and curse my lot,
Because I've nothing, not a groat.

* *
*

As informações que encontramos no estrangeiro sobre a literatura na Romênia de 1821 a 1840 dão-nos uma idéia das grandes linhas de evolução dessa literatura. E' uma época de transição, que se liberta cada vez mais da influência grega, que se liga mais fortemente à escola romântica européia, sem entretanto renunciar ao espírito do século precedente. Uma verdadeira renovação se deve ao ensino ministrado em romeno e em francês; caracteriza-o uma melhora constante das produções poéticas, a tendência a criar uma nova vida nacional e social, e enfim a influência francesa, que acarreta aliás também a de Byron. Vêem-se aí ainda os inícios do teatro e uma vasta atividade de tradução das obras estrangeiras, das quais entretanto nem tôdas contribuem para o enriquecimento da alma romena. Segundo essas informações, há um certo interesse pelas produções populares negligenciadas demais na primeira fase, em que os poetas apelavam sobretudo para Lamartine, Byron e Vitor Hugo.

Essa segunda fase, desenvolvendo assim o interesse pelo camponês, concede uma atenção crescente aos problemas de folclore. Cumpre acrescentar que os jornais de cada Principado ou de cada província começam a interessar-se cada vez mais na atividade lite-

rária dos outros. São sinais precursores do novo espírito que vai impor-se pelo manifesto literário de 1840, no qual Kogălniceanu afirmará a necessidade duma literatura e de uma vida espiritual de elevação nacional, que devia preparar a unidade da nação. E sobre essa literatura de transição e de adaptação ao ritmo ocidental, poder-se-ão encontrar agora informações verdadeiramente ricas e verídicas, e, ao mesmo tempo, traduções bastante numerosas, que constituem uma ampla contribuição ao estudo dum problema interessantíssimo da literatura comparada: a literatura dum país vista pela dos outros países (139).

CLAUDE ISOPESCU (140).

R É S U M É

L'auteur qui a entrepris des recherches dans plusieurs littératures étrangères pour étayer des conclusions concernant la vie littéraire en Roumanie — les études précédentes les ayant presque complètement négligées (141), en donne ici des résultats depuis la Révolution de 1821 jusqu'en 1840.

Du point de vue de la littérature comparée, ces renseignements permettent de voir dans quelle mesure les écrivains étrangers s'intéressaient à la littérature roumaine et prenaient ainsi connaissance de l'âme du peuple, plus spécialement d'une certaine phase spirituelle, par le truchement des traductions de poésies, de nouvelles et par la description des coutumes locales. Ce qui offre le plus d'intérêt c'est le problème des thèmes littéraires, celui de la présentation d'un certain courant ou de l'influence qu'une littérature étrangère a pu exercer sur la littérature roumaine et, inversement, l'enrichissement d'une culture étrangère par d'éventuels apports roumains. De semblables recherches tendent à être exhaustives eu égard à cette littérature pour en expliquer tous les aspects et les évolutions.

(139). — *Observações do tradutor*: — 1. As notas 65 e 75 não são do autor, mas trazem as traduções dos trechos em alemão citados no texto; 2. A nota 138 é a tradução francesa da poesia "A Rola Aflita", que o texto traz na versão inglesa; 3. As obras citadas foram conservadas no original, mas das alemãs e romenas, quando pareceu necessário, deu-se a tradução entre parênteses; 4. Uma ou outra vez se deixou de traduzir o título, como em *Le Maître de la Poste de Cantemir*, por não se encontrar equivalente em português; 5. Por falta de matrizes a dental sibilante romena é grafada ts, o s palatal é transcrito por um simples s, o ã substitui nas notas o a em negrito assinalado com *brăquia* (o) nas palavras romenas; 6. As palavras gregas foram transliteradas: nelas o acento circunflexo () nem sempre indica a tónica, mas a quantidade vocálica.

(140). — Nasceu em 5 de março de 1894, em Frateuzii Vecchi (Bucovina). Iniciou seus estudos de filologia clássica e românica, de sânscrito e glotologia em Cernautzi; continuou-os em Viena, onde se especializou com o filólogo Meyer-Lubke.

Leccionou em vários Liceus em Bucareste. Dirigiu um curso de língua e literatura romena na Universidade de Roma, em 1926.

Tornou-se divulgador da literatura romena, através de artigos e conferências, e tradução de obras. Desempenhou as funções de adido cultural junto à Legação da Romênia em Roma. (*Nota do tradutor*).

(141). — Por les résultats de ses recherches jusqu'en 1820, voir la synthèse qu'il en a donnée sous le titre: *enseignements sur la littérature en Roumanie dans la Revue Pagine Nueve*, Rome, III, 1919, Nos. 3-4.

Si la révolution de 1821 a eu comme conséquence la fin de la suprématie des princes étrangers, les Phanariotes ou Grecs du Phanar, cette date ne signifie pas pour autant une rupture complète avec la culture néo-grecque prédominante jusque là, ni le déclin des "lumières", qui avaient précisément préparé cette révolution et dont l'influence devait se prolonger dans la première moitié du XIX^e siècle. Le fonds spirituel de la littérature roumaine est ainsi caractérisé par l'interpénétration des courants précédents, d'une part l'idée de la latinité appelée à la délivrer insensiblement de l'influence néo-grecque et à la prémunir contre les tendances annexionistes de l'impérialisme russe, et d'autre part le mouvement romantique français qui devient prépondérant dans cette nouvelle phase de la littérature, devenue littérature de combat. Il est enfin caractérisé par l'emploi des thèmes littéraires universels et par la recherche d'une voie propre soudée désormais au rythme des littératures occidentales.

Il ne faudra pas oublier parmi les autres facteurs du nouveau climat spirituel les ouvrages de la littérature préromantique, de l'Arcadie, du Risorgimento, les classiques grecs et latins, les ouvrages français, italiens, anglais, allemands, russes, espagnols qu'on traduit en roumain, la représentation de pièces de théâtre italiennes, françaises et allemandes, les journaux étrangers, les relations de voyage et les études que les Roumains pouvaient faire depuis 1803 en Occident: enfin l'activité si variée des étrangers, italiens, espagnols, allemands et surtout français.

L'occupation des Principautés danubiennes par les Turcs (1821-1826), puis par les Russes (1828-1834), donne lieu à des descriptions et des impressions d'étrangers sur la Révolution, la peste (effet de l'occupation turque), le choléra (effet de l'occupation russe), sur le désastre économique ainsi que sur les abus et l'arbitraire de la dernière occupation. Seul, le poète Léopardi, qui devait connaître les chants populaires des Roumains de Macédoine, fait en 1821 une constatation très intéressante sur la langue roumaine dont il affirme qu'elle peut donner des notions péremptoires sur l'ancien latin vulgaire.

Si le premier recueil de chants rustiques date de 1768, ce n'est qu'en 1830 qu'apparaît sous le titre de *Deux chants moldaves* dans la revue russe VESTNIK EUROPI la première traduction à l'étranger de poésies populaires roumaines. Elle est d'Alexandre Hasdeu, fils de l'écrivain polonais Tadeusz Hyzdeu et père de l'historien et linguiste roumain de réputation européenne, Bogdan Petriceicu Hasdeu. La même année et dans la même revue, A. Hasdeu insérait *Le conte de Duca Voda*, donnant ainsi le branle à la Nouvelle historique avec des sujets puisés dans la vie roumaine. En 1833 il publiait dans la revue russe *Telescop* la traduction de six chants populaires avec des notes et des interprétations souvent riches sur le folklore roumain. Mais il est difficile d'affirmer s'il s'agit ici d'authentiques poésies populaires. Cet intérêt que montre A. Hasdeu à la littérature populaire est certainement dû à l'influence du poète russe Pouchkine, exilé de 1820 à 1826 en Bessarabie, qui, dans le *Maître de poste* et surtout dans le poème *Les Tziganes* développe le thème de l'antithèse entre la culture et la nature, thème visiblement inspiré de la vie roumaine pleine de charme et riche en tableaux poétiques.

Très important et encore inconnu hors de la Russie et de la Roumaine est l'article *Les littérateurs bessarabiens* que Hasdeu publie en 1835 dans *Telescop*. Il y démontre que dans la province moldave incorporée en 1812 par la Russie continuait de régner malgré tout une fervente activité roumaine. Il commence par Anghel Balli qui laissa des manuscrits en langue française sur l'histoire de la législation moldave; il mentionne Gheorghe Beideman qui traduisit du français quelques contes; puis il s'occupe d'Alexandre Donici, auteur de fables dont les thèmes sont empruntés aux écrivains russes Krylov, Izmailov et Dimitriev, ensuite à La Fontaine, mais en leur donnant des traits spécifiquement roumains; Donici traduit du Pouchkine et de l'Antiochus Cantemir (traduit en français en 1750). Tandis que Stefan Martella publie une grammaire roumaine

ne dénuée de valeur. Jacob Hâncul donne un *Recueil d'écrits et de traductions en prose et en vers pour des exercices dans la langue valaque-moldave* et aussi une grammaire roumaine en russe. L'auteur relève l'intérêt que présente, du point de vue géographique, philologique, historique et religieux, l'activité d'Ukraiens devenus roumains: Petru Kunicki, Irineu Nestorovici et Antonie Juminski. Hasdeu insiste surtout sur le poète Constantin Stamati, dont il rappelle les traductions en roumain des oeuvres de Derjavine, Devaligne, Lamartine, Victor Hugo, Nodier, Balzac, et Byron: il mentionne "sa pénétration du génie vigoureux de la langue moldave dans la traduction des sujets difficiles qu'il choisit". Il parle ensuite d'Alexandre Sturdza, diplomate russe à Vienne et à Paris, qui publia aussi ses impressions de voyage à Vienne et à Venise et qui ne cacha pas le désir de voir toutes les provinces roumaines unies dans son empire indépendant: il fait mention de Constantin Filatov, traducteur en roumain des souvenirs de Lencour sur l'empereur Alexandre le Bénit. Il n'oublie pas enfin son père Tadeusz Hyzdeu qui traduisit en polonais la législation de la Moldavie.

Ce premier aperçu nous permet ainsi de connaître la mesure de l'extension de la culture roumaine en Russie pendant cette phase spirituelle: ajoutons pour l'avoir plus complète la traduction russe due à Alexandre Hasdeu de deux poésies populaires et deux nouvelles historiques de son frère Boleslav Hasdeu et qui parut en 1835 toujours dans la revue russe *Molva*.

Après avoir mentionné deux nouvelles à sujet roumain publiées en France, l'auteur met en relief qu'avec la plaquette sur la Valachie et les articles parus dans le journal *Le National* sous la signature de l'étudiant Ion Ghica en 1835, c'est le commencement de toute une action entreprise par quelques patriotes roumains pour déterminer un courant de sympathie en faveur des Roumains opprimés. Ces initiatives eurent le don d'éveiller l'intérêt d'écrivains philoroumains dont la voix eut un écho plus puissant. C'est ainsi que Saint-Marc Girardin, professeur au Collège de France, visite en 1836 la Valachie et publie une série de treize articles dans le *Journal des Débats* inaugurant avec prestige une plaidoirie très efficace en faveur de la cause roumaine en France et en Europe. Mais le caractère de ces publications est avant tout politique, économique et social: quant aux questions littéraires, Saint-Marc Girardin se contente de noter que par les idées françaises qui ont pénétré dans ces pays à la faveur de Voltaire, de Rousseau, de Montesquieu, de Buffon, la langue française y joue rôle prédominant: "Elle a les honneurs d'une langue classique". C'est la même constatation que fait l'étudiant Mihail Anagnosti en 1837, dans un article sur la Valachie et la Moldavie paru dans la *Revue des Deux Mondes*, et dans lequel il exprime l'admiration et la soif des Roumains pour la culture: "Le Valaque se prosterne devant la supériorité intellectuelle... un homme instruit est pour lui un demi-dieu. Le Français, dernier résultat, expression complète de la civilisation européenne, est accueilli avec enthousiasme en Valachie". Il y relève aussi la grande diffusion des livres, des modes et des journaux français.

Mais l'année 1837 est autrement abondante en renseignements linguistiques et littéraires et d'un plus grand intérêt. Pour éclaircir le problème des relations historiques des dialectes italiens, Carlo Cattaneo publie en Italie une longue étude sur la connexion entre la langue roumaine et la langue italienne, sans tenir compte cependant des ouvrages de Diefenbach et de Diez. Ceux-ci avaient établi scientifiquement l'étroite parenté et la grande ressemblance entre les deux langues. Cattaneo ne mentionne pas non plus les ouvrages d'Antonio Maria Del Chiaro, de Fr. Grisellini et de F. Carronni, qui dès avant lui avaient constaté et affirmé cette ressemblance. L'intérêt de l'étude de Cattaneo réside surtout dans la riche bibliographie linguistique qu'il donne, plus abondante que dans les ouvrages de Diefenbach et de Diez. Dans cette esquisse de bibliographie roumaine que complète l'auteur de cette étude, Cattaneo affirmait qu'il n'existait que des lexiques et des grammaires. A ces affirmations et surtout à celles du célèbre linguiste Eichhoff qui prétendait que le "roumain n'offre que peu de culture et par conséquent que peu d'intérêt", l'étudiant Mihail Ko-

gălniceanu répondait péremptoirement, dans le premier aperçu sur la langue et la littérature roumaines qu'il fit paraître en Allemagne. Le jeune étudiant affrontait ainsi un problème très suggestif dont il reste le promoteur le plus fécond, à savoir: celui du devoir des Roumains résidant à l'étranger d'y faire connaître les progrès réalisés par leur peuple dans tous les domaines. Loin de sa patrie, dépourvu des matériaux indispensables et sans précurseur, l'étudiant défend la culture de son peuple, en prouvant la latinité de sa langue par la comparaison des huit premiers vers de l'*Orlando Furioso* et de leur traduction en roumain; il publie un *Notre Père* et cite des mots d'emprunts grecs, turcs et surtout slaves existant dans la langue roumaine. Il donne ensuite les titres de quelques dictionnaires et grammaires d'us à l'Ecole transylvaine. Après avoir mentionné que le plus ancien livre imprimé en roumain (1580) qu'on connaît — mais le plus ancien est de 1544 — il est le premier en date à nous montrer l'évolution de la littérature religieuse et des législations. Kogălniceanu met en relief les chroniques et les ouvrages historiques alors les plus connus et les livres populaires les plus répandus, puis il se tourne vers la poésie qu'il considère comme le genre littéraire le plus riche à partir de la traduction du Psautier. En présentant le poète Asachi comme "le plus grand poète vivant des Roumains", il fait preuve de sensibilité poétique; il y ajoute une bonne traduction en langue allemande de l'Ode à l'Italie où, avant Byron, notre poète voit dans les glorieuses reliques de Rome la grande beauté de la reine morte de l'univers qui conserve cependant de sa gloire passée un aspect merveilleux dans des monuments comme le Capitole, la Colonne trajane sur laquelle, dans le bronze, on revoit l'histoire des origines du peuple roumain; comme plus tard Carducci, il chante un hymne à la nouvelle gloire de Rome, celle de la poésie, de l'art, de la science, ce qu'aucun poète étranger n'avait encore fait jusqu'à ce jour. Dans ce jardin de l'Europe le Romain de la Dacie vient chez ses ancêtres "baiser la poussière de leurs tombeaux et s'instruire de leurs vertus".

Kogălceanu fait aussi mention de l'un des premiers poètes roumains, d'Héliade Rădulescu, dont il connaît des traductions des *Méditations*, puis du bes-sarabien Stamati, de Iancu Văcărescu, l'"Anacréon roumain", enfin d'Alexandre Beldiman, traducteur de tragédies françaises.

Pour ce qui est de la poésie dramatique, il mentionne des traductions et quelques pièces originales d'Asachi. Mais "le noyau de la poésie nationale est constitué par les ballades et les chants populaires, dont quelques-uns feraient honneur aux meilleurs poètes", et il en donne quelques titres, pour reproduire ensuite un passage magnifique d'un livre des Schneidawind (1832), qu'on n'a pas encore examiné, sur la beauté lyrique et la musicalité des chansons populaires, créations surtout de bergers, mais aussi de personnes cultivées. Kogălniceanu affirme l'existence de chants héroïques et de poèmes sur des brigands célèbres, puis il étudie les institutions scolaires et culturelles comme l'"Académie Mihăileană" et la "Société de sciences naturelles et de médecine". Pour terminer il cite le musée des sciences naturelles de Jassy, riche en objets rares, et les très nombreuses imprimeries du pays.

L'auteur fournit ainsi la première analyse critique détaillée de l'aperçu de Kogălniceanu. En Roumanie même l'on ne connaît pas le contenu de cet excellent exposé. L'auteur s'y est attardé car il est le premier paru à l'étranger contenant des renseignements très étendus et très judicieux sur les manifestations culturelles en Roumanie et il pose les premiers jalons d'une histoire de la littérature roumaine.

Après avoir mentionné la traduction française d'un article sur les cérémonies nuptiales roumaines et la traduction allemande de deux chansons moldaves, l'auteur s'occupe de l'ancien secrétaire du Consulat français de Bucarest, Félix Colson, qui fut le premier en Europe à élever la voix pour opposer le droit des gens aux usurpations et aux prétentions du Sultan et de la Russie. Dans son ouvrage fondamental à l'époque pour les Roumains, Colson, qui est aussi le premier à employer le nom de "Roumains" au lieu de "Moldo-valaques",

donne, le premier en France, un long aperçu sur la littérature roumaine. L'auteur en fait une analyse critique plus étendue. En s'occupant de la gloire du passé, Colson reproduit les principaux passages d'un discours d'Alexandre Hasdeu qui, en 1837, met en relief le fait qu'au XV^e siècle il y avait une école grecque, latine et slave et des traités d'histoire universelle et de droit canonique, précédant ainsi les nations voisines dans les voies de la civilisation. La Russie emprunta aux Roumains ses premières lois et quelques Roumains ont le mérite de l'introduction de la civilisation en Russie. C'est ainsi qu'au XVII^e siècle, le métropolitain Petru Movilă fonde la première Académie où il introduit les premiers rayons de culture latine et dans sa célèbre *Confession orthodoxe* écrite en latin, il se sert de sources catholiques; Paul Berindei, connu sous le nom de Koutenski, pose les fondements de la lexicographie slavonne avec son *Dictionnaire slavon-russe*; le savant polyglotte Milescu donne la première description du voyage de Tobolsk à Pékin et publie en 1669 à Paris un mémoire en grec et en latin sur la croyance de l'Eglise grecque en la présence réelle dans l'Eucharistie; au XVIII^e siècle, le grand savant Démétrius Cantemir, auteur de l'ouvrage fondamental sur l'histoire de l'Empire ottoman, fonde, d'après le plan de Leibnitz, l'Académie des Sciences de Piétrobourg dont il fut le premier président; son fils, Antiochus Cantemir, fut le créateur de la poésie russe; Héraskov, le fondateur de l'Université de Moscou, est l'initiateur du théâtre russe.

En arrivant à la Valachie, Colson donne la première traduction française d'un poème d'Héliade Rădulescu, mais dont il ne nous dit ni le titre ni le nom de l'auteur et où l'on trouve le thème poétique des "ruines" avec l'invocation de héros comme Mircea, Etienne le Grand, Michel le Brave, etc., ainsi que le désir de la renaissance et de la lutte pour l'indépendance. Dans les deux chapitres sur la littérature, Colson relève que les obstacles qui empêchaient son évolution normale était la censure russe, "plus sévère qu'en Russie", qui supprimait les revues et étouffait les représentations théâtrales en langue roumaine. Il s'occupe de Negruzzi, de Hrisoverghi, de Kogălniceanu, de pièces, traduites ou originales, de Iancu Văcărescu et de Vasile Cârlova dont il ne traduit pas le poème contenant le thème des ruines, riche d'images poétiques surprenantes, mais l'ode *La Marche* qui porte "le cachet du génie", exalte l'héroïsme roumain et synthétise la foi sûre dans la renaissance de la patrie. De Grigore Alexandrescu, "poète d'un vrai talent", qu'il met justement au premier rang pour sa forte originalité lyrique, Colson traduit *La Lampe*, belle expression de sa pensée et de son sentiment religieux et première poésie religieuse roumaine connue comme telle en Occident. Il s'occupe enfin des méditations de César Boliac qui "se distinguent par l'élévation des idées" et introduisirent dans la poésie roumaine la note sociale avec une certaine originalité.

Si parfois certaines de ses affirmations se contredisent entre elles, il faut reconnaître qu'à la différence de Kogălniceanu, Colson n'envisage que les deux phases contemporaines de la littérature: celle de Cârlove et d'Alexandrescu, sans s'occuper de la Transylvanie et d'Asachi. Dans une certaine mesure, les perspectives de Kogălniceanu et celles de Colson se complètent et nous avons ainsi un aperçu plus vaste du point de vue de la littérature comparée. Colson est cependant ennemi de l'Ecole romantique dont les poètes roumains furent de fervents disciples.

Tandis que les impressions de voyage d'Edouard Thouvenel et d'Anatole Démidoff nous font connaître l'influence que les idées françaises exercent sur les moeurs, l'instruction et la législation des Roumains, l'Anglais Bruce-White dans son *Histoire des langues romanes et leur littérature* connaît des productions populaires roumaines dont il affirme qu'à les lire "on se croirait transporté dans les temps reculés". L'auteur en reproduit la belle traduction en vers anglais — certainement la première — de la poésie populaire *La tourterelle* dont la traduction française est d'Eichhoff: le thème que l'on trouve déjà dans un poème roumain de 1644 en est un motif amoureux tiré du folklore mondial.

Dans la conclusion de son étude, l'auteur affirme que les renseignements tirés des écrivains étrangers sur la littérature roumaine de 1821 à 1840 donnent une idée des grandes lignes de l'évolution de cette littérature. C'est une époque de transition où elle se libère de plus en plus de l'influence grecque, s'attache plus fortement à l'Ecole romantique sans pourtant renoncer à l'esprit du siècle précédent. Un vrai renouvellement est dû à l'enseignement donné en roumain et en français; il est caractérisé par une amélioration constante des productions poétiques, par la tendance à créer une nouvelle vie nationale et sociale et enfin par l'influence française ainsi que celle de Byron. L'on y voit encore les débuts du théâtre et une vaste activité de traductions. On remarque, toujours sur la base de ces renseignements, dans la deuxième phase un certain intérêt pour les productions populaires dont on donne des traductions. Viennent ensuite les poésies savantes. Ces renseignements sont donc riches et intéressants surtout dans les trois aspects sur cette littérature de transition et d'adaptation au rythme occidental. Un nouvel esprit s'imposera par le manifeste littéraire de 1840 dans lequel Kogălniceanu affirmera la nécessité d'une littérature et d'une vie spirituelle à l'échelon national qui devaient préparer l'unité de la Nation.